



**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Letras**

VALÊNCIA DOS VERBOS DE VITÓRIA E DERROTA EM PORTUGUÊS

Bruno de Assis Freire de Lima

Belo Horizonte
2007

BRUNO DE ASSIS FREIRE DE LIMA

VALÊNCIA DOS VERBOS DE VITÓRIA E DERROTA EM PORTUGUÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de mestre

Orientador: Prof. Dr. Mário Alberto Perini

Belo Horizonte

2007

Dissertação defendida publicamente no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. José Dionísio Ladeira
(Universidade Federal de Viçosa)

Prof. Dr. Lorenzo Vitral
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Prof. Dr. Mário Alberto Perini (orientador)
(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Belo Horizonte, junho de 2007

Prof Dr. Hugo Mari
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas

Dedico este trabalho a *Maria Tereza de Assis Oliveira*, que me mostrou que lutar pela vida, ainda que doloroso, é essencial e inevitável. Para ela, todo meu trabalho, todo meu carinho e toda minha saudade.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. *Mário Alberto Perini*, por ser O Perini, por ser O orientador, pela paciência, pelo carinho, pelos conselhos de vida, sábia orientação;

Ao Prof. Dr. *José Dionísio Ladeira* e à Prof^a. Dr^a. *Maria Carmen Aires Gomes* que me impulsionaram na vida acadêmica;

Ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, pela transparência, clareza e ética com os quais conduz todo o processo para a obtenção do título;

Ao *Marcos Leandro Parreiras de Lima*. Ele sabe o porquê.

Ao *Marcos Boson*, meu irmão querido. Presente de Deus para o sempre.

Às amigas *Silvia Astoni*, *Darinka Sucow*, *Renata Teixeira* e *Kariny Raposo* pelos momentos de descontração e grande amizade;

Às oito “marias” presentes na minha vida: Bethânia, Tereza, Nazaré, Graça, Eunice, Cecília, Janete e Aparecida;

À grande *Aline Alves Arruda*. Confidente.

À *Janaína Zaidan Bicalho*. Consultora de todas as horas, de todas as áreas.

Às “famílias” que se estabeleceram aqui em Minas Gerais: o *Paulo Henrique*, a *Dona Salomé*, o *Max Lino*, a *Sibila*, o *Edelves*, a *Andréa Mattos*, o *Marcos Soares*, a *Cleonice*, a *Ana Paula* e todos aqueles que foram irmãos, pais e mães de mim.

Aos meus pais, *Maria das Graças* e *Martinho Freire*, por me educarem e incentivarem até os dias de hoje;

À minha irmã, *Simone*, porque é a MINHA irmã. Nada mais se fala;

À amiga *Paula Regina*, meu “abstract” pessoal e incondicional.

Aos meus alunos, informantes lingüísticos inconscientes.

Ao *Caetano Veloso II*, alegria da minha vida. Fiel, companheiro e amigo;

À CAPES, por financiar meus estudos;

A todos aqueles que, muito ou pouco, bem ou mal, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente dissertação visa verificar a hipótese de Beth Levin, (1993), que afirma haver relação entre a semântica e a valência dos verbos.

Inicialmente fizemos uma explanação sobre os conceitos de diátese e valência, bem como uma revisão da literatura existente sobre o assunto,. Utilizamos de trabalhos de lingüistas pioneiros neste assunto, como Allerton (1982) e Tesnière (1953) e de alguns gramáticos normativistas, como Savioli (1994); Cegalla (2005) e Bechara (2001). As considerações são muitas a respeito do trabalho de cada um deles, dado que os estudos relativos à diátese e valências ainda apresentam deficiências em sua configuração.

A fim de testar a hipótese de Levin, fizemos um recorte inicial de nove verbos, os quais denominamos *verbos de vitória e derrota*. Para chegarmos a este número de verbos, consideramos aspectos de natureza sintática e semântica dos mesmos, componentes não plenamente contemplados nos referidos estudos supracitados.

Por meio da observação de construções com estes verbos, levantamos a valência de cada um deles, e, a partir deste levantamento, pudemos observar as semelhanças e diferenças entre cada um deles, bem como refutar a hipótese inicial de Levin.

Palavras-chave:

1. Sintaxe do Português
2. Gramática Descritiva
3. Valências Verbais
4. Diáteses Verbais

ABSTRACT

The present dissertation aims to verify Beth Levin's hypothesis, which has a relation about semantic and valency verbs.

At first we did an explanation about diathesis and valency concepts, as well as literature review that exists about the subject. We use the assignments of the pioneering linguists, such as, Allerton (1982) and Tesnière (1953) and some grammatical normativists, such as Savioli (1994), Cegalla (2005) e Bechara (2001). There are a so much consideration about their assignments, provided that studies referring to the diathesis and valency, still show problems in its configuration.

In order to test the Levin's hypothesis, we did an initial clipping of nine verbs, calling "vitória" and "derrota" verbs. To reach at this numbers of verbs, we considered syntactic and semantic aspects of them and the compounds which did not mention in these studies.

By means of verbs observation of the constructions with those verbs, we did a survey of its diathesis and we could observe the similarities and because of this we could deny the initial Levin's hypothesis.

Key-words:

1. Portuguese Syntax
2. Descriptive Grammar
3. Verbs Valency
4. Verbs Diathesis

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. VALÊNCIAS | 16 |
| 2.1. O que é valência; o que é diátese | 16 |
| 2.1.1. <i>diátese</i> | 18 |
| 2.1.1.1. <u>construção</u> | 21 |
| 2.1.2. <i>formulação das diáteses</i> | 22 |
| 2.1.2.1. <u>a diátese transitiva</u> | 28 |
| 2.1.2.2. <u>a diátese ergativa</u> | 29 |
| 2.1.3. <i>valência</i> | 30 |
| 2.1.3.1. <u>elementos da notação das diáteses</u> | 33 |
| 2.2. <u>O estudo da diátese na gramática tradicional</u> | 40 |
| 2.2.1. <i>a transitividade</i> | 40 |
| 2.2.2. <i>a regência</i> | 42 |
| 2.2.3. <i>as vozes verbais</i> | 45 |
| 2.2.3.1. <u>voz ativa</u> | 46 |
| 2.2.3.2. <u>voz passiva</u> | 47 |
| 2.2.3.3. <u>voz reflexiva</u> | 48 |
| 2.3. Allerton, Borba e Tesnière | 49 |
| 2.3.1. <i>Allerton</i> | 49 |
| 2.3.2. <i>Borba</i> | 52 |
| 2.3.3. <i>Tesnière</i> | 53 |
| 2.4. A análise de Levin | 55 |
| 3. VERBOS DE VITÓRIA E DERROTA | 58 |
| 3.1. Definição dos Verbos de Vitória e Derrota | 58 |
| 3.2. Traços semânticos necessários | 59 |
| 4. ESTUDANDO A CLASSE DOS VERBOS DE VITÓRIA E DERROTA | 64 |
| 4.1. A hipótese da correlação significado/valência | 64 |
| 4.2. Polissemia e Valência | 67 |
| 4.2.1. <i>Apanhar</i> | 67 |

| | |
|---|-----|
| 4.2.2. Bater | 69 |
| 4.2.3. Empatar | 72 |
| 4.2.4. Ganhar | 73 |
| 4.2.5. Perder | 74 |
| 4.2.6. Vencer | 77 |
| 4.2..7. Derrotar | 78 |
| 4,2.8. Desbancar | 78 |
| 4.2.9.Sobrepujar | 78 |
| 4.3. Papéis Temáticos | 80 |
| 4.4. Lista das construções relevantes para a descrição dos verbos de vitória e derrota | 88 |
| 4.4.1. C1. Transitiva | 88 |
| 4.4.2. C20. de Movimento e choque | 89 |
| 4.4.3. C19. Recíproca de SPrep | 90 |
| 4.4.4. C4. Ergativa | 90 |
| 4.4.5. C58: de Vitória | 91 |
| 4.4.6. C16. de Tema e Meta | 91 |
| 4.4.7. C32. de Objeto transferido | 93 |
| 4.4.8. C59: de Sujeito Agente-Meta | 93 |
| 4.4.9. C3. Transitiva de objeto elíptico | 94 |
| 4.4.10. C57. de Derrota | 94 |
| 4.4.11. C68. de SPrep Fonte | 95 |
| 4.4.12. C69. de Tema e SPrep Fonte | 95 |
| 4.5. Lista completa dos verbos de vitória e derrota | 96 |
| 4.5.1. Valência do verbo apanhar | 100 |
| 4.5.2. Valência do verbo bater | 102 |
| 4.5.3. Valência do verbo derrotar | 106 |
| 4.5.4. Valência do verbo desbancar | 106 |
| 4.5.5. Valência do verbo empatar | 107 |
| 4.5.6. Valência do verbo ganhar | 108 |
| 4.5.7. Valência do verbo perder | 111 |
| 4.5.8. Valência do verbo sobrepujar | 113 |
| 4.5.9. Valência do verbo vencer | 114 |

| | |
|---|------------|
| 5. PROBLEMAS DE ANÁLISE | 120 |
| Componentes formais das diáteses | 120 |
| 6.CONCLUSÕES | 122 |
| Considerações finais | 125 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 127 |

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, procuramos comprovar a hipótese de Levin (1993) para o estudo das diáteses. Levin estudou diversos grupos de verbos enquadrados em categorias semânticas distintas. Sua hipótese inicial é a de que os verbos que pertencem a uma categoria semântica específica tendem a ter grandes semelhanças de diátese e, por conseguinte, de valência.

Se o comportamento distintivo das classes de verbos em relação às alternâncias de diáteses decorre de seu significado, qualquer classe de verbos cujos membros funcionam paralelamente quanto às alternâncias de diáteses deve ser uma classe semanticamente coerente: seus membros devem compartilhar pelo menos algum aspecto de seu significado.

(Levin, 1993: 14)

Essa hipótese é às vezes assumida em termos muito radicais, como exemplifica a passagem seguinte:

A expectativa é que os fatos sintáticos (e morfológicos) de uma língua sejam motivados por aspectos semânticos e que possam ser exaustivamente descritos através de estruturas simbólicas.

(Taylor, 2003: 39)

Para avaliarmos esta hipótese, foi necessário, primeiramente, elucidar os conceitos que envolvem o estudo das valências. Discorreremos sobre as diáteses, as categorias sintáticas, os papéis temáticos (ou semânticos) para, enfim, definirmos a nossa classe de verbos: verbos que indicam vitória ou derrota em português.

Tomamos, por exemplo, o verbo *ganhar*. Definimos este verbo como pertencente à classe de vitória e derrota, pois o mesmo apresenta traços semânticos essenciais a esta classe, a saber: *Confronto Direto* (CD), a partir do qual notamos haver um conflito entre dois argumentos como *O Atlético ganhou do Cruzeiro* (Atlético e Cruzeiro entraram em conflito); *Simetridade* (SM), que indica a possibilidade de um ou outro argumento sair como vitorioso do confronto direto; e, finalmente, o

Resultado do Conflito (RC), indicando quem foi o vencedor do conflito. A valência deste verbo inclui as diáteses exemplificadas a seguir:

1. *Maria ganhou neném.*
2. *Maria ganhou um sapato.*

Diátese de Objeto Locado

3. *Maria ganhou na sena.*

Diátese de Sujeito Meta

4. *O Vasco ganhou do Atlético.*

Diátese de vitória

5. *O Atlético ganhou.*

Diátese Transitiva de Objeto Elíptico

Essas frases exemplificam construções que serão definidas no capítulo 3.

Para a realização deste trabalho, no entanto, nos deparamos com alguns problemas de ordem teórica. Primeiramente no que diz respeito aos estudos pré-existentes sobre valência e diátese. Trata-se de um assunto relativamente novo na lingüística e com critérios de investigação bastante frágeis. Muitos lingüistas se valem apenas de mecanismos sintáticos para a definição das diáteses. Veremos, no decorrer desta dissertação, que a sintaxe não é o bastante para definir as diáteses. Sendo assim, outro componente se fez relevante para o estudo das diáteses: foi necessário atribuímos papéis temáticos aos argumentos das construções. E aí nos deparamos com outro problema: não há consenso entre os lingüistas sobre quais são os papéis temáticos.

Diante de tantos entraves, nos valem dos estudos mais recentes sobre o assunto, como o de Perini (ms.), que arrola uma lista de diáteses do português. Ao contrário de alguns trabalhos anteriores, Perini alia os dois componentes das construções: se vale tanto da configuração sintática quanto da temática, isto é, semântica.

Os temas abordados neste trabalho foram assim distribuídos:

No capítulo 1 desta dissertação, procuramos definir os conceitos de diátese e valência. Partimos de exemplos bastante práticos para mostrarmos as semelhanças e as diferenças entre as construções. Mostramos, assim, que uma diátese é uma construção em que um verbo ocorre, e que contribui para a subcategorização desse verbo; e a valência de um verbo é o conjunto das diáteses em que ele ocorre.

Fizemos um levantamento em Gramáticas Tradicionais sobre a forma como as diáteses e as valências são tratadas. Nestas Gramáticas, os verbos são estudados em função da sua regência, das vozes verbais e da transitividade, entendidas à maneira tradicional. Trata-se de mecanismos de subclassificar os verbos; no entanto esses mecanismos são insuficientes para abarcar a maioria das ocorrências no nosso idioma. Retomamos a bibliografia sobre o assunto, discutindo os tratados de autores como Allerton (1983); Borba (1990) e Tesnière (1953), além de explanarmos o estudo de Levin (1993), que nos forneceu o argumento inicial deste trabalho.

No capítulo 2, elaboramos a definição dos verbos de vitória e derrota. Nele, delimitamos a classe semântica de vitória e derrota a partir da observação de traços comuns a estes verbos. A primeira constatação foi a de que todos os verbos que constituem esta classe pertencem à tradicional classe de verbos de ação. Os verbos de vitória e derrota sempre se apresentam com os seguintes componentes: Conflito Direto, Simetricidade e Resultado do Conflito. Em outras palavras, temos o “tête-à-tête” entre os argumentos que compõem a sentença, bem como a possibilidade de cada um sair vitorioso no processo e ainda a informação de qual elemento se sobressai neste processo.

No capítulo 3, discutimos a questão dos papéis temáticos. Partimos da importância e da necessidade de se estudarem os papéis temáticos em trabalhos como este, sobretudo para elucidar as diferenças entre casos sintaticamente idênticos, como *O gato miou* e *O gato morreu*. Acrescentamos uma lista com as construções relevantes para a definição dos verbos de vitória e derrota, a partir da lista de diáteses de Perini (ms.)

Em seguida, trazemos a lista completa dos verbos de vitória e derrota com suas respectivas valências. Neste ponto do trabalho, levantamos diversas construções e buscamos explicar uma a uma, o que apresentam de peculiaridades, diferenças e semelhanças uma com as outras. Fizemos um quadro-síntese, a fim de facilitar o processo de compreensão da nossa hipótese inicial.

No capítulo 4, discutimos as implicações teóricas deste estudo, mostrando o que ainda necessita ser feito em trabalhos desta natureza. Voltamos a tratar da questão da correlação significado-valência, a partir da qual refutamos em parte a hipótese inicial de Levin, e apresentamos as conclusões deste estudo.

2. VALÊNCIAS

Este capítulo introduz a definição de valência e diátese, elementos-chave para o desenvolvimento deste trabalho. Procuramos discutir o enfoque dado à valência e às diáteses a partir de diferentes estudos lingüísticos. Iniciamos discutindo os conceitos de valência e diátese; passamos por estudos de gramáticas tradicionais, com Savioli (1994); Bechara (2001) e Cegalla (2005) e terminamos com a discussão acerca dos estudos sobre diátese de Tesnière (1953); Allerton (1983); Borba (1990) e Levin (1993), cujo trabalho nos forneceu o argumento inicial de nossa pesquisa.

2.1. O que é valência; o que é diátese

Os estudos tradicionais da língua portuguesa resumem a questão das diáteses sob rótulos como a regência, a transitividade e as vozes verbais. Para a tradição gramatical, um verbo como *chamar*, em uma frase como *Maria chamou João*:

- i. é *Transitivo Direto*, na acepção de “convocar”, por ter Objeto Direto (*João*)
- ii. está na *Voz Ativa*, por o sujeito praticar a ação verbal

e ainda, o mesmo verbo em uma frase como *João foi chamado de irresponsável por Maria*:

- i. é *Transitivo Direto com Predicativo do Objeto*, na acepção de “apelidar”, “denominar”
- ii. está na *Voz Passiva*, por o sujeito sofrer a ação expressa pelo verbo.

Estes estudos são insuficientes para refletir a realidade lingüística, uma vez que há diversas peculiaridades no comportamento dos verbos que não são contempladas por eles. Dentre estas peculiaridades, estão os papéis temáticos que um

determinado argumento pode desempenhar diante de um verbo. A observação deste papel temático é relevante para o estudo das diáteses, como veremos a seguir.

A noção inicial é a de que **diátese é uma construção capaz de subclassificar um verbo e que valência é o conjunto de diáteses de um determinado verbo**. Se tomarmos como exemplo os casos

[1] *Maria sujou o tapete*

e

[2] *O cachorro mordeu Maria,*

veremos que existem algumas semelhanças a serem consideradas. A primeira delas se refere ao número de argumentos que cada uma comporta. Ambas apresentam a estrutura *SUJEITO – VERBO – OBJETO*, realizada por *Sintagma Nominal (SN1) Verbo (V) Sintagma Nominal (SN2)*. Esta é uma observação de ordem estrutural (sintática). Levando em conta as considerações sobre os Papéis Temáticos (que serão mais bem explicitadas adiante), notaremos também que tanto em [1], quanto em [2], o SN1 age sobre o SN2. Dizemos haver, neste caso, o papel temático de Agente no SN1.

É possível, no entanto, utilizar os mesmos verbos em outras construções, como em

[3] *O tapete sujou*

e

[4] *O cachorro morde.*

Nestes casos, há semelhança sintática entre as frases, ambas compostas de SN – Verbo, mas há uma diferença semântica importante entre elas. Para a gramática tradicional, estamos diante de dois verbos *intransitivos*, mas isto esconde uma diferença importante: o que podemos perceber é que em [3] o SN *o tapete* é Paciente do processo estabelecido pelo verbo *sujar*. Este dado não se confirma com o exemplo [4]. Aqui, *o cachorro* será necessariamente Agente do processo e não aquilo que foi mordido.

Podemos assim dizer que o verbo *sujar* se comporta de maneira diferente da do verbo *morder*, uma vez que há construções em que um ocorre e outro não. Ou seja, esses dois verbos têm **valências** distintas.

Vejamos sistematicamente o que é **diátese** e o que é **valência**.

2.1.1. diátese

Vamos partir do verbo *abrir*, que se comporta de maneiras distintas, representadas da seguinte forma, em termos simbólicos:

[5]

| | | |
|--------------|--------------|------------------|
| <i>Maria</i> | <i>abriu</i> | <i>a janela.</i> |
| SN Agente | Verbo | SN Paciente |

[6]

| | |
|-----------------|---------------|
| <i>A janela</i> | <i>abriu.</i> |
| SN Paciente | Verbo |

Dizemos que, para o verbo *abrir*, são possíveis duas construções¹. A cada uma dessas construções, damos o nome de *diátese*.

A diátese é definida como uma estrutura sintática associada a traços de significado. Por isso podemos dizer que o estudo da diátese relaciona-se com o emprego do verbo dentro da sentença.

Se voltarmos aos exemplos iniciais, percebemos que a quantidade de argumentos que o verbo *abrir* exige ou permite é variável. Isto quer dizer que a diátese mantém também relação com a quantidade de complementos que um determinado verbo seleciona. Além deste aspecto formal, a diátese é constituída também por elementos semânticos. A ordem dos componentes semânticos modifica as diáteses. Como

¹ Outras construções são possíveis. Limito-me aqui a duas apenas, com o propósito apenas de elucidar com maior precisão os conceitos de diátese e de valência.

vemos nos exemplos [5] e [6], o papel temático do sujeito pode diferir, conforme a diátese.

Assim, dizemos que uma construção só será diátese se contribuir para a subclassificação do verbo, como ocorre nos exemplos [5] e [6]. Algumas construções, no entanto, não constituem diáteses, como por exemplo:

[7] Maria amarrou o cadarço

e

[8] Maria não amarrou o cadarço

Nestes casos, tanto a quantidade de argumentos permanece a mesma quanto os papéis temáticos dos argumentos. A diferença está na inclusão da palavra *não*. Isto não é suficiente para a formação de uma nova diátese, pois não existem verbos que não aceitem a negativa. Todos os verbos da língua portuguesa aceitam a negativa e isto não subclassifica um verbo gerando, assim, nova diátese.

Por outro lado, o caso do verbo *abrir* é diferente; ele ocorre em construções como:

[9] Maria abriu a lata

e

[10] A janela abriu

Estamos diante de diáteses diferentes pelos mesmos motivos explicitados nos exemplos [5] e [6]: quantidade de argumentos e papéis temáticos diferentes nos dois casos. Dizemos, então, que o verbo *abrir* ocorre nestas duas diáteses, mas que o verbo *comer* só ocorre na primeira delas,

[11] Maria comeu a couve

e

*[12] A couve comeu (com *a couve* = Paciente)

e *cair* só ocorre na segunda

[13] O menino caiu.

e

*[14] O menino caiu o livro

Isso mostra que esses três verbos *abrir*, *comer* e *cair* pertencem a três subclasses diferentes. Por conseguinte, as construções exemplificadas em [9], [11] e [13] são diáteses verbais distintas.

Como já dissemos anteriormente, podemos dizer que a diátese verbal é um mecanismo capaz de subclassificar um verbo. Quando houver uma construção que diferencie um verbo do outro, seja por sua distribuição sintática, seja por sua distribuição semântica, teremos uma diátese.

A exemplo do que dissemos sobre a negativa, outras construções não configuram diáteses. Um exemplo bastante claro disto é a construção de objeto direto topicalizado, que não subcategoriza os verbos: não há verbos que aceitem ou não aceitem essa construção, como nos exemplos:

[15] a. Eu comi a maçã.
b. A maçã, eu comi.

[16] a. Maria fritou o bife.
b. O bife, Maria fritou.

Podemos substituir estes verbos à vontade, pois para qualquer verbo da língua que couber na não topicalizada, também caberá na topicalizada:

[17] a. Eu comprei a maçã.
b. A maçã, eu comprei.

[18] a. Eu mordi a maçã.
b. A maçã, eu mordi.

- [19] a. Maria comprou o bife.
b. O bife, Maria comprou.

- [20] a. Maria mordeu o bife.
b. O bife, Maria mordeu.

Assim, uma *diátese* é uma construção cuja ocorrência é governada pela subclasse do verbo.

2.1.1.1. construção

Goldberg define formalmente *construção* da seguinte maneira:

C é uma construção se e somente se_{def} C for um par forma-significado $\langle F_j S_j \rangle$ tal que nenhum aspecto de F_j seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas.

(Goldberg, 1995:4)

Esta definição de construção de Goldberg apresenta algumas falhas, uma vez que, para ser uma construção, o par simbólico (forma-significado) não pode ser previsível a partir de “outras construções previamente estabelecidas”, ou seja: se tomarmos uma sentença como *A menina comeu a maçã*, que chamamos a princípio de transitiva, a topicalizada *A maçã, a menina comeu* não é uma construção porque é previsível a partir da transitiva. O mesmo se diga se começarmos pela topicalizada *A maçã, a menina comeu*, a transitiva não é uma construção, dado ser também previsível a partir da topicalizada. A noção de *construção* proposta por Goldberg corresponde, aparentemente, ao que aqui chamamos de *diátese*.

É necessário, rever, portanto, o conceito de construção, à qual damos a seguinte definição: *Construção é a união do par forma-significado que forma um constituinte*. Como em “A casa de Francisco”, “O carro quebrou”, “Eu comi o bolo”, que são construções, mas não “*A casa de”, “*O quebrou”, “*Eu comi o”, pois não formam

constituintes. Logo, toda diátese é uma construção, mas nem toda construção é uma diátese.

Existem, portanto, construções correspondentes a orações simples, a orações (períodos) complexas e sintagmas subordinadas, como nos casos:

[21] Maria [*morreu de dengue.*]

[22] Felipe comeu [*lasanha de frango com massa de tomate.*]

[23] O governo anunciou [*que a gasolina vai aumentar no sábado.*]

[24] É importante maior segurança [*para que a viagem siga tranqüila.*]

Neste trabalho, só levamos em conta construções que constituem orações simples.

2.1.2.. *formulação das diáteses*

Já vimos que o mesmo verbo pode ocorrer em diversas diáteses. Agora observemos os exemplos seguintes:

[25]

| | | |
|---------------------|---------------|----------------------------|
| <i>Felipe</i> | <i>confia</i> | <i>em você</i> |
| SN Exp ² | Verbo | SN Caus. Exp. ³ |

[26]

| | | |
|---------------|--------------|-----------------|
| <i>Felipe</i> | <i>gosta</i> | <i>de você.</i> |
| SN Exp | Verbo | SN Caus. Exp. |

² Experienciador: ou seja, aquele que experimenta alguma sensação promovida pelo causador de experiência.

³ Causador de Experiência: aquele que promove sensações em algum elemento.

| | | |
|------|---------------|--------------|
| [27] | <i>Felipe</i> | <i>comeu</i> |
| | SN Agente | Verbo |

| | | | |
|------|---------------|--------------|-----------------|
| [28] | <i>Felipe</i> | <i>comeu</i> | <i>a banana</i> |
| | SN Agente | Verbo | SN Paciente |

| | | | |
|------|---------------|---------------|-------------------|
| [29] | <i>Felipe</i> | <i>rasgou</i> | <i>o dinheiro</i> |
| | SN Agente | Verbo | SN Paciente |

| | | |
|------|-------------------|---------------|
| [30] | <i>O dinheiro</i> | <i>rasgou</i> |
| | SN Paciente | Verbo |

Muito podemos tirar de informação destes exemplos. A princípio, uma comparação entre [27] e [30] já nos mostra que estamos diante de sentenças sintaticamente idênticas (SN – Verbo), mas que apresentam estrutura semântica distinta. Em [27], o SN é, necessariamente, o Agente do verbo, ele é quem pratica a ação, dado não observado no SN de [30]: o SN *o dinheiro* é aquele elemento que sofre a ação estabelecida pelo verbo *rasgar*, é o Paciente deste processo. Isto nos mostra que sentenças podem ser idênticas no nível sintático, mas que isto não é suficiente para definição de diáteses, dado que estamos diante de duas construções diferentes no aspecto semântico.

Casos como [27] e [30], portanto, não podem ser definidos apenas formalmente. Aqui, a forma não nos diz o bastante, pois a diferença existente não é revelada em termos sintáticos. Estamos diante de construções diferentes e estas diferenças só se fazem perceber pelo conhecimento que temos dos verbos que as compõem, que inclui o número de complementos que os acompanham, sua representação sintática e o papel temático que cada um desempenha.

Se compararmos as construções [27] e [30], veremos que tanto o verbo *comer* quanto o verbo *rasgar* podem aparecer na estrutura SN – V. A diferença, no entanto, está no papel temático do sujeito: Agente em *comer* (Felipe comeu) e Paciente em

rasgar (O dinheiro rasgou), fundamentado não pelos aspectos formais, mas pelos aspectos semânticos, como já comentado anteriormente, ou seja, *comer* e *rasgar* ocorrem em conjuntos diferentes de diáteses. Esta diferenciação é base importante para distinguir subcategorias de verbos. Há aqueles que se comportam como *comer* (*matar, ler...*) e os que se comportam como *rasgar* (*esquentar, desanimar...*). Isto é que faz com que tenhamos que considerar essas duas construções como diáteses dos respectivos verbos.

Há ainda casos em que não podemos definir as construções apenas semanticamente, como ocorre nos casos [25] e [26]. Nestes exemplos, a supressão da preposição torna a sentença inaceitável. Estamos diante de preposições que, embora não tenham sentido em si mesmas, não podem ser retiradas da construção, por se tratar de uma exigência da diátese destes verbos. Os exemplos acima mostram que as diáteses podem se diferenciar através de traços sintáticos, semânticos, ou ainda através de traços sintáticos e semânticos.

Podemos ver que existem diferentes diáteses para um mesmo verbo. Assim, é possível afirmar que as diáteses servem como um mecanismo de subcategorização dos verbos, uma vez que cada verbo ocorre em um conjunto característico de diáteses. Ao conjunto de diáteses de um verbo damos o nome de *valência*, e é ela a base para o estabelecimento das subcategorias verbais que são parte fundamental do conhecimento que o falante tem da estrutura de sua língua.

Subclassificar implica em agrupar os verbos a partir de semelhanças de diversas ordens. No estudo das diáteses, levamos em conta os aspectos já discutidos aqui: a composição semântica e a sintática servem como meio para tal agrupamento. Há verbos que, por exemplo, não admitem sujeito (aspecto formal) com o papel temático de Agente (aspecto semântico), como o verbo *morrer, desmaiar, falecer*, dentre outros. Tomando como exemplos casos como:

[31]

| | |
|------------------|---------------|
| <i>Francisco</i> | <i>morreu</i> |
| SN Paciente | Verbo |

| | | | |
|------|--------------|--|-----------------|
| [32] | <i>Pedro</i> | | <i>desmaiou</i> |
| | SN Paciente | | Verbo |

| | | | |
|------|---------------|--|----------------|
| [33] | <i>O papa</i> | | <i>faleceu</i> |
| | SN Paciente | | Verbo |

ficam evidentes as semelhanças entre eles, a saber que todos eles têm o SN com a mesma função semântica: o SN sempre será Paciente. Além disto, nenhum destes verbos admite sujeito Agente, em nenhuma circunstância. Note a agramaticalidade de sentenças como:

[34] *Felipe morreu Francisco;

[35] *João desmaiou Maria;

[36] * Pedro faleceu o cachorro.

São agramaticais exatamente por estes verbos não admitirem sujeito Agente. Estamos, portanto, diante de três verbos distintos mas que se enquadram numa mesma subcategorização: todos eles sempre se apresentam na diátese ergativa⁴ e só nela.

Há também verbos que se subcategorizam pelo aspecto oposto aos dos exemplos [31]; [32] e [33], uma vez que só admitem sujeito Agente⁵, como é o caso de verbos como *matar*; *fugir*; *latir*; *pular*. Tomemos os exemplos:

| | | | |
|------|--------------|--|--------------|
| [37] | <i>Pedro</i> | | <i>matou</i> |
| | SN Agente | | Verbo |

⁴ A ergativa (que será definida mais adiante) é composta de SN (Paciente) –Verbo

⁵ Excetua-se a voz passiva, mas, como Perini (ms) demonstra, não se trata de uma diátese verbal. A passiva se analisa, do ponto de vista das valências, como uma estrutura de verbo *ser* + adjetivo, e a diátese depende do adjetivo e não do verbo.

| | | | |
|------|---------------|--|--------------|
| [38] | <i>Marcos</i> | | <i>fugiu</i> |
| | SN Agente | | Verbo |

| | | | |
|------|-------------------|--|--------------|
| [39] | <i>O prefeito</i> | | <i>latiu</i> |
| | SN Agente | | Verbo |

| | | | |
|------|--------------|--|--------------|
| [40] | <i>Pedro</i> | | <i>pulou</i> |
| | SN Agente | | Verbo |

Embora a estrutura formal seja a mesma, temos aqui características semânticas diferentes dos exemplos anteriores. Por este motivo, subcategorizamos estes verbos utilizando outros critérios. Todos eles ocorrem na diátese intransitiva⁶.

Com estes verbos não ocorrem casos como

| | | | |
|------|---------------|--|--------------|
| [41] | <i>*Maria</i> | | <i>matou</i> |
| | SN Paciente | | Verbo |

| | | | |
|------|---------------|--|---------------|
| [42] | <i>*Maria</i> | | <i>fugiu.</i> |
| | SN Paciente | | Verbo |

| | | | |
|------|---------------|--|--------------|
| [43] | <i>*Maria</i> | | <i>latiu</i> |
| | SN Paciente | | Verbo |

| | | | |
|------|---------------|--|--------------|
| [44] | <i>*Maria</i> | | <i>pulou</i> |
| | SN Paciente | | Verbo |

entendidos como se o SN fosse Paciente. Note que estas seqüências são perfeitamente possíveis na língua, mas ocorrem com os SNs como Agentes, nunca como Pacientes.

⁶ A diátese intransitiva será definida adiante; é formada por SN (Agente) – Verbo.

Ainda assim, seria possível que algum destes verbos se apresentasse com outras construções, caracterizando, portanto, outra diátese, sendo, novamente, subcategorizado. Ou seja, verbos de [37] – [41] não pertencem necessariamente à mesma classe, pois podem ter *conjuntos* diferentes de diáteses.

Grosso modo, podemos dizer que:

1. o verbo *comer* ocorre na construção transitiva (*Maria comeu feijoada*); e na construção transitiva de objeto elíptico (*Maria comeu*);
2. o verbo *sujar* ocorre nas construções transitiva (*Maria sujou o tapete*) e ergativa (*O tapete sujou*);
3. o verbo *morrer* ocorre na construção ergativa (*O cachorro morreu*).

Para efeito ilustrativo, retomamos dois exemplos de construções que são bastante recorrentes na língua; que funcionam como diáteses verbais e que já foram citadas: as diáteses transitiva e a ergativa. Antes disto, precisamos definir o que seja sujeito.

Definimos o sujeito como sendo dotado de uma variável posicional “X”, que vale para qualquer SN, em qualquer posição, que tenha o mesmo papel temático indicado pelo sufixo de pessoa-número do verbo.

Esta convenção foi proposta por Perini (ms.), e é uma maneira de indicar o sujeito, definido como “o SN que elabora o mesmo papel temático indicado pelo sufixo de pessoa-número do verbo”. A notação “X” inclui não apenas um SN em posição pré-verbal, mas qualquer SN da oração que tenha a propriedade mencionada. Perini adota essa convenção porque a posição do sujeito na oração não distingue diáteses (não é governada pelo verbo, mas por fatores estruturais).

Esta notação “X” se resume em três possibilidades:

- (a) Um SN em posição de sujeito (seja ele pré ou pós verbal);

(b) Um SN em posição de sujeito + um sufixo de número-pessoa compatível com ele; ou

(c) Apenas o sufixo.

Assim, a notação “X” serve para representar casos como *eu comi* + *eu comendo* + *comi*. A representação é única, uma vez que a diferença entre as possibilidades (a), (b) e (c) não é diatética, ou seja, nenhum verbo ocorre em uma dessas construções e não nas outras duas.

Essa é uma característica da oração portuguesa, que

pode sinalizar duplamente um dos papéis temáticos envolvidos [como o] de Agente. A seleção do papel temático a ser duplamente sinalizado depende do verbo, isto é, da diátese em que ele se encaixa na frase em questão. Um dos sinalizadores é o SN que chamamos "sujeito"; o outro é o sufixo de pessoa-número do verbo. Este último fornece uma indicação esquemática - apenas a pessoa e o número - ao passo que o sujeito é um SN pleno e, como tal, inclui não apenas a pessoa e o número, mas informação elaborada sobre o sentido e a referência do elemento que desempenha o papel temático em questão. A redundância de sinalização de um dos papéis temáticos é neutralizada em alguns casos, como quando o verbo está no gerúndio ou no infinitivo

(Perini, ms.)

Nas formulações aqui utilizadas, portanto, X representa o sujeito, sem levar em conta a possibilidade de ele ocorrer posposto, ou de não ocorrer, em frases como *Cheguei ontem*. Essas possibilidades, embora importantes, não afetam o status de diátese das construções, o que justifica o uso da notação abreviada aqui.

2.1.2.1. a diátese transitiva

A diátese transitiva caracteriza-se a partir do seguinte esquema:

Construção transitiva:

X (Agente) V SN (Paciente)

Exemplo:

[45] *Maria abriu a lata.*

Estamos diante de uma diátese por um motivo muito simples: nem todo verbo da língua se comporta como *abrir*; muitos não cabem na construção transitiva (*latir, morrer, ter...*)

2.1.2.2. a diátese ergativa

A ergativa é uma outra diátese do português e apresenta como estrutura um SN Paciente seguido de verbo.

Construção Ergativa:

X (Paciente) V

Exemplo:

[46] *O cachorrinho morreu..*

Nesse exemplo, percebemos *o cachorrinho* como Paciente, e não fica expresso o Agente do processo.

Há também casos em que a construção ergativa ocorre com o pronome *se*, como em:

[47] *Minha cunhada se divorciou.*

que varia em alguns dialetos, como o mineiro, para:

[48] *Minha cunhada divorciou.*

Tal variação, no entanto, não será levada em conta para este estudo de diáteses, uma vez que o fenômeno da ocorrência ou não de *se* nessa construção é algo que ainda não se investigou, e que certamente comporta certa quantidade de variação social e regional.

2.1.3. valência

Voltando à definição de que diátese é uma construção cuja ocorrência é governada pela subclasse do verbo, desembocamos no que seja **valência**, que se define a partir do conjunto de diáteses de um verbo. Assim, o conjunto de diáteses de um verbo forma sua valência.

Vamos tomar como exemplo ilustrativo o verbo *quebrar* que ocorre nas seguintes construções:

Construção transitiva:

X (Agente) V SN (Paciente)

Exemplo:

[49] *Maria quebrou o vaso.*

Construção ergativa:

X (Paciente) V

Exemplo:

[50] *O vaso quebrou.*

Temos diferenças de sentido e também de forma sintática entre as duas diáteses, como já foi dito. Em [49], presença de Agente e Paciente realizados sintaticamente, enquanto que em [50], apenas o Paciente é realizado. Dizemos, então, que a valência do verbo *quebrar* é formada pelas diáteses transitiva e ergativa.⁷

Vale ainda comentar que o mesmo verbo na mesma diátese pode ainda comportar sentidos diferentes ou ainda o mesmo verbo pode assumir sentidos distintos em diáteses distintas. É o que acontece com o próprio verbo *quebrar* em exemplos como

[51] A inflação quebrou a C&A

[52] A C&A quebrou

cujo sentido se aproxima de *falir* ou simplesmente *arruinar*. Note que no exemplo [49] Maria não levou o vaso à falência; mas sim *rompeu* o vaso em partes. Temos a mesma diátese em [49] e [51], mas o sentido do verbo é distinto. O mesmo se diga para os casos [50] e [52]: mesma diátese, sendo o verbo da primeira com a acepção de ‘romper’ e o da segunda com a de ‘arruinar’.

Como se vê, um mesmo verbo pode ocorrer na mesma *diátese* com significados bem diferentes; ou seja, as *diáteses* de um verbo e suas diversas acepções não se recobrem. Um verbo pode ser definido como uma unidade morfossintática, de modo que *quebrar* em [51] e em [52], apesar da nítida diferença semântica, é o mesmo verbo.

Desta forma, desconsideramos verbos *homônimos*. Para nós, estamos diante de verbos *polissêmicos*. A justificativa para isto é bem simples: se separarmos em dois verbos (como *quebrar* (=falir) e *quebrar* (=romper)) com base em seu significado, vamos nos deparar com problemas bastante sérios. Isto porque a diferença semântica é pouco nítida e faltam critérios objetivos para estabelecer esta diferença. A diferença de *valência*, no entanto, é bastante nítida. Se considerarmos cada verbo

⁷ A valência do verbo *quebrar* comporta outras diáteses. Aqui, tomamos apenas duas para efeito ilustrativo do que seja valência.

em cada *valência*, como item léxico separado, teremos um outro problema: os verbos serão sempre monovalentes, o que extermina o objetivo do estudo de *valências*, que é o de subclassificar os verbos.

Outro verbo bastante produtivo em termos de significados é o *pintar*, cujas acepções são várias, a saber:

[53] Pedro pintou a parede

| | | |
|----|---|-----|
| X | V | SN |
| Ag | | Pac |

diátese transitiva, no sentido de ‘cobrir de tinta’ um objeto já existente (a parede);

[54] Leonardo pintou um quadro

diátese transitiva, no sentido de ‘criar uma imagem’; e ainda

[55] Frederico pintou (na festa)

| | |
|-----|---|
| X | V |
| Pac | |

diátese ergativa, no sentido de ‘aparecer; ir’ na festa.

Diante de exemplos semelhantes ao nosso, acrescenta Perini:

Se quisermos relacionar a descrição da língua com seu uso – o que, acredito, todos admitimos que é um dos objetivos da lingüística – teremos que descrever o processo que, a partir de um sinal formal, atribui significados aos enunciados. É claro que temos que distinguir, em algum momento, o item pintar que ocorre em [53] do que ocorre em [54], mas isso é resultado de um processamento, não um ponto de partida. No primeiro momento, pintou é uma forma fonológica a ser associada a determinados traços morfológicos, sintáticos, semânticos com base no contexto em que ocorre – basicamente, no que nos interessa, no contexto morfossintático.

(Perini, ms)

Partindo então da premissa de que o verbo *pintar* é um único verbo nos exemplos [53], [54] e [55]; podemos estabelecer sua *valência* como composta da *diátese transitiva* ([53] e [54]), mais a *diátese intransitiva* ([55]).

Podemos, assim, desprezar certas acepções, considerando que as mesmas não serão relevantes para nossos objetivos. A princípio, o verbo *pintar* é um único item. As distinções de significados são feitas quando associamos o verbo ao contexto lingüístico em que ele aparece. Assim, o verbo *pintar*, se associado a dois SNs (diátese transitiva), significa “cobrir de tinta”. O mesmo verbo, se associado a um SN (diátese intransitiva) pode significar “aparecer” ou “cobrir de tinta”.

2.1.3.1. elementos da notação das diáteses

De acordo com Villela e Koch (2001:68), a valência implica:

- i) um dado número de argumentos (em resposta a: quantos argumentos integra ou exige um dado verbo?),

como no caso do verbo *abrir* em *Maria abriu a lata*; (quem (Maria) abriu o quê (a lata)) ou *A lata abriu* (o quê (a lata) abriu);

- ii) a indicação da obrigatoriedade ou não dos argumentos (em resposta a: são obrigatórios ou facultativos?),

como no caso do verbo *comer* em sentenças como *O papagaio come alpiste* (em que dois argumentos são expressos) em contraste com *O papagaio come* (em que podemos omitir um argumento);

- iii) a caracterização semântico-denotativa (em resposta a: quais classemas devem apresentar os termos que realizam os argumentos?);

Classemas são componentes de sentido muito geral que são comuns a lexemas que pertencem a vários campos semânticos diferentes [...] Exemplos de classemas seriam ANIMADO/INANIMADO; MACHO/FÊMEA e possivelmente CAUSA E TER.

(Lyons, 1977: 336)

Isto trata, então, de traços que certos complementos deveriam ter – por exemplo, o sujeito de *comer* ser sempre animado. O sistema adotado nesta dissertação não inclui os classemas dos diversos complementos, porque não levamos em conta (para definir as diáteses) os traços de significados internos dos constituintes. O único traço que os classemas comportam (no que diz respeito às diáteses dos verbos de vitória e derrota) são os papéis temáticos. Além do mais, os traços internos dos constituintes não são necessários para caracterizar diretamente as diáteses verbais. Por exemplo, o fato de *o menino* ser animado condiciona a possibilidade de este sintagma aparecer como Agente. Mas isso, embora seja importante, não tem a ver com a diátese do verbo em questão: é um traço autônomo do sintagma (mais exatamente no nominal *menino*). Se o verbo *correr* aceita um sujeito Agente, não é necessário dizer que aceita um sujeito animado.

- iv) a caracterização semântico-funcional (em resposta a: quais os papéis semânticos⁸ desempenhados pelos argumentos no estado de coisas implicado no significado do verbo?)

como no caso do verbo *assar*, em sentenças como *Maria assou o pernil* (Maria com o papel temático de Agente e pernil com o papel temático de Paciente) e *O pernil assou* (pernil com o papel temático de Paciente)

- v) a indicação das funções sintáticas dos argumentos,

como no caso do verbo *vender* em sentenças como *O corretor vendeu o apartamento* (corretor como sujeito e apartamento como objeto direto)

- vi) e, finalmente, a indicação da configuração morfossintática dos termos que realizam as funções sintáticas.

⁸ Aqui denominados 'papéis temáticos', seguindo a terminologia mais comum na literatura.

como no caso do verbo *trazer*, em sentenças como *O cachorro trouxe os chinelos* (com cachorro e chinelos como substantivos)

A fim de sistematizar e facilitar a terminologia, reestruturamos a caracterização das valências, com base em Perini (ms). Assim, na configuração das valências verbais, que equivale à formulada por Vilela e Koch (2001:69), temos:

- i) o número de complementos
- ii) a função sintática de cada complemento (definida inclusiva em termos de ordem)
- iii) a categoria dos complementos (SN, SAdj, SPrep)
- iv) os papéis temáticos de cada complemento.

Quanto à obrigatoriedade ou não de um determinado complemento, isto não é representado diretamente nas diáteses. Casos de “complemento opcional” são tratados como diáteses diferentes. Assim, o verbo *comer* ocorre em *João comeu* (X – V) e *João comeu batatinha* (X – V – SN).

Para definir as diáteses, Perini (ms) utiliza algumas convenções, arroladas e explicadas a seguir. A maior parte são convenções comuns e bem conhecidas:

(a) Símbolos categoriais

SN = Sintagma Nominal

V = Verbo

SAdj = Sintagma Adjetivo

SAdv = Sintagma Adverbial

SPrep = Sintagma Preposicionado (usado apenas nos nomes das diáteses)

Prep = Preposição (quando possível, é fornecida a preposição individual, por exemplo, *deSN*; *porSN*, etc.

X = sufixo de pessoa-número e / ou SN identificado como “sujeito”

Os símbolos categoriais são colocados, na formulação das diáteses, na ordem em que aparecem. Note-se que o SN pré-verbal é o sujeito, e frequentemente não aparece (*eu cheguei – cheguei*). Essa alternância não é comentada, porque tudo indica que a presença do sujeito não é relevante para a definição da diátese (embora seu papel temático seja). Também não foram levadas em conta as inversões de ordem sujeito-verbo.

(b) Papéis temáticos

Os papéis temáticos são vários, como dissemos na introdução deste estudo. Nos interessam apenas seis, que são recorrentes nas diáteses dos verbos em estudo. São eles:

Agente

Paciente

Instrumento

Tema

Meta

Fonte

A definição destes papéis temáticos se dará mais adiante, no capítulo 3.

(c) Outras convenções

∅ = associado a um papel temático, indica um argumento indeterminado, ou seja, um papel temático subentendido, mas não preenchido lexicalmente; por exemplo:

| | | |
|----------|----------|----------|
| X | V | ∅ |
| Ag | | Pac |

em que se entende haver um Paciente indeterminado, como em *Pedro já comeu*.

As funções sintáticas tradicionais (sujeito, objeto direto, predicativo, etc) não são usadas por Perini, embora esses termos apareçam nas denominações, para facilitar a referência. Casos em que a análise tradicional considera que a mesma função ocorre em posições diferentes são consideradas construções distintas. Esses casos são totalmente previsíveis e, portanto, irrelevantes para a definição de diáteses. Por exemplo, casos de topicalização, ou casos de sujeito posposto em frases que se iniciam por interrogativos ou adverbiais, como em:

[56] Onde está mamãe?

[57] De repente chegou um montão de crianças.

Essas construções, em que pese ao seu interesse sintático, não definem diáteses, e, portanto, podem ser deixadas de fora da lista.

A noção inicial de diátese, desenvolvida por Tesnière (1953), continha o número de complementos como fator determinante na valência de um verbo: *comer*₃, *dar*₃, etc. Isso, evidentemente, é pouco informativo, além de apresentar outros inconvenientes sérios como o fato de *comer*, apesar de ser classificado como portador de dois complementos, ocorrer também com um só complemento (*O cachorro já comeu*). Estudos posteriores já consideram e incluem a diferença como fator de valência, além, é claro, da inclusão de outros fatores, como os já citados por Vilela & Koch e por Perini.

A partir dessas considerações sobre valência, o sistema de Tesnière categorizaria os verbos da seguinte maneira:

a) verbos avalentes, como aqueles que não exigem nenhum argumento, como *trovejar*, *nevar*, etc.⁹

b) verbos monovalentes, como aqueles que exigem um argumento, como *dormir*, *voar*, etc.¹⁰

⁹ Salvo casos de Objeto Cognato, como “Choveu uma chuva fininha em BH ontem”, ou em construções metafóricas, como “Choveu canivete hoje!”

c) verbos bivalentes, como os que exigem um argumento e a presença do segundo argumento é facultativa, ou como os que exigem dois argumentos, casos como:

[58] Este produto vende bem.

[59] O Mercado Central vende legumes.

[60] O jardineiro aparou a grama.

[61] Marcos correu muito.

d) verbos trivalentes, em que dois argumentos são obrigatórios e um deles, facultativo ou em que os três argumentos são exigidos pelo verbo:

[62] Ele nos mostrou o novo produto.

[63] Ele mostrou o novo produto.

*[64] Ele mostrou.

[65] O disciplinário colocou os alunos na sala.

*[66] O disciplinário colocou os alunos.

*[67] O disciplinário colocou na sala.

Perini (ms.) critica o trabalho de Tesnière, ao dizer que:

Os pontos (c) (verbos bivalentes) e (d) (verbos trivalentes) arrolados por Tesnière já são um progresso em relação à gramática tradicional, pela possibilidade de omitir certos complementos. No entanto, Tesnière se perde, uma vez que observa a possibilidade de não-ocorrência de actantes, ou seja, o problema da opcionalidade dos chamados complementos:

nunca é necessário que as valências de um verbo sejam inteiramente preenchidas pelo actante e que o verbo seja, por assim dizer, saturado. Algumas valências podem ficar desocupadas [...]

(Tesnière, 1969: p. 338)

¹⁰ Novamente, há casos em que pode haver mais de um argumento, como o Objeto Cognato: "Maria dormiu um sono tranquilo"

No entanto, essa observação não se harmoniza com a concepção de Tesnière do que vem a ser um actante, pois ele afirma em outro momento que

o **primeiro actante** [isto é, o sujeito] se encontra em princípio em todas as frases de um, dois ou três actantes; [...] o **segundo actante** [objeto direto] se encontra em princípio nas frases de dois ou três actantes [...]

(Tesnière, 1969: p. 108)

Não sabendo o que ele quer dizer exatamente com em princípio, ficamos exatamente na situação de incerteza em que nos deixam as teorias tradicionais.

(Perini, ms.)

Este modelo para o estudo de valências apresenta, ainda, outros inconvenientes. Segundo esse modelo, teremos que dizer que *morrer* é monovalente, mas *sorrir* também, mas existem claras diferenças entre

[68]

| | |
|-------------|----------------|
| <i>João</i> | <i>morreu.</i> |
| SN Paciente | Verbo |

e

[69]

| | |
|-------------|----------------|
| <i>João</i> | <i>sorriu.</i> |
| SN Agente | Verbo |

cuja configuração de papéis temáticos é distinta, embora apresente o mesmo número de complementos, para nós, são diáteses diferentes, e portanto não podemos classificar *morrer* e *sorrir* como equivalentes (“monovalentes”).

Como vimos, os argumentos exigidos ou facultados aos verbos recebem determinados papéis temáticos, cuja discussão se fará mais adiante neste estudo.

2.2. O estudo das diáteses na gramática tradicional

O estudo das diáteses verbais não é algo inédito, e provém da própria gramática tradicional, que embora não trate das diáteses sob os mesmos aspectos deste trabalho, também usa critérios de subcategorização dos verbos. Os estudos da gramática tradicional, no entanto, se limitam à noção de transitividade, regência e vozes verbais.

Neste capítulo, procuramos retomar os postulados de algumas gramáticas tradicionais para avaliar sua adequação em comparação com o modelo de análise aqui adotado.

2.2.1. a transitividade

O primeiro trabalho que vou analisar é Savioli (1989), já em sua 15^a edição. Essa gramática traz uma série de explicações sobre a estrutura da língua portuguesa e é voltada para estudantes de ensino médio, uma vez que apresenta questões retiradas de vestibulares.

Savioli traz cinco subclasses para os verbos, as quais são tradicionalmente conhecidas pelos estudiosos da língua. O autor diz haver verbo transitivo direto, “que vem acompanhado de um objeto sem preposição obrigatória” (p.37). O mesmo se diga para o que o autor chama de verbo transitivo indireto, com a diferença de, nesse caso, a presença da preposição ser obrigatória. Inclui, ainda, os verbos transitivos diretos e indiretos, que vêm acompanhado de dois objetos, sendo um deles com preposição e o outro sem preposição.

Savioli ainda salienta que há verbos intransitivos, cuja configuração se dá pela ausência de objetos nas frases em que ocorrem. Inclui, finalmente, os verbos de ligação que, segundo o autor, “sempre com o significado de estado ou mudança de estado, serve para estabelecer certo tipo de relação entre um atributo do sujeito e o

sujeito” (p. 38). Como se vê, Savioli adota o sistema preconizado pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, sem modificações.

A partir dessas considerações de Savioli, basta compararmos casos como

- i. Eu saio todas as manhãs,
- e
- ii. Maria saiu do Rio de Janeiro;

para notarmos que existem incongruências nas definições tradicionais sobre as classificações dos verbos. Primeiramente podemos nos questionar sobre até que ponto o verbo *sair* necessita ou não de um objeto e se o que se pospõe a este verbo é realmente um objeto. Dirão os tradicionais que se trata de adjuntos. Aqui, novo impasse pode ser detectado, sobretudo pela própria conceituação tradicional do que seja adjunto. Nos estudos tradicionais, por “adjunto” entende-se aquele termo que pode ser suprimido da sentença sem que haja inaceitabilidade da sentença.

Vários questionamentos podem ser feitos, como no caso do verbo *comer* entendido como verbo transitivo direto dentro da visão tradicional. O exemplo *Meu cachorro já comeu hoje*, contudo, revela que este verbo não necessita de um objeto direto em todas as suas ocorrências.

A solução para se esquivar desses questionamentos e dos contra-exemplos surge quando Savioli afirma que

A classificação dos verbos quanto à predicação deve ser feita no contexto em que eles ocorrem.

O verbo transitivo pode ser usado como intransitivo e isto acontece quando se quer concentrar a atenção sobre a ação verbal em si.

(Savioli, 1989:38)

Classificar os verbos em relação ao contexto é, no entanto, algo perigoso.

Segundo os estudos de Perini (ms.) as funções se definem em contexto, ao passo que as classes, fora dele. Para ilustrar esta afirmação, basta levantarmos as seguintes questões:

- i. Qual a classe da palavra água?
- ii. Qual a função da palavra água?

Não é difícil responder que a palavra *água* pertence a classe dos substantivos, mas o mesmo não se pode dizer da função desta palavra. O que seria *água*? Um sujeito? Um objeto direto? Esta pergunta está condicionada ao contexto em que a palavra ocorre, uma vez que a palavra pode assumir diferentes funções, mas só pode pertencer a uma classe.

É importante conceber as classes como existentes na língua fora de contexto para relacionar as classes com o uso que o falante faz da língua. A oposição entre relações sintagmáticas (funções) e paradigmáticas (classes) se correlaciona, respectivamente, com o produto da atividade lingüística (sintagmas, frases, enunciados) e as regras e princípios que governam a construção desse produto. Um falante, para usar a língua, dispõe de uma “receita” de como construir frases – evidentemente, essa receita (a gramática mais o léxico) precisa estar presente na mente do falante antes que este construa seus enunciados. Um aspecto da receita são as classes de formas; ou seja, ele sabe, de saída, que uma palavra como gato pode ser núcleo de um SN, mas não de um predicado, ao passo que chegou pode ser núcleo de um predicado, mas não de um SN. Essas potencialidades constituem a classificação dessas formas, e estão presentes em sua mente sem contexto. Elas são, antes, instruções sobre como construir contextos – onde inserir gato e onde inserir chegou, por exemplo.

(Perini, ms.)

Essa é a diferença entre as classes e as funções, e é por essas razões que elas não podem ser confundidas, como tantas vezes acontece.

2.2.2. a regência

O trabalho de Cegalla (2005) traz, em seu capítulo sobre Regência, a seguinte definição:

a sintaxe de regência ocupa-se das relações de dependência que as palavras mantêm na frase. Regência é o modo pelo qual um termo rege outro que o complementa.

(p. 483)

A definição de Cegalla é bastante vaga. Para comprovar isto, basta pensarmos em casos como o contraste entre os enunciados abaixo:

i. O relógio de ouro.

ii. Necessidade de dinheiro.

Nestes exemplos, dirão os gramáticos que o nome *necessidade* é o regente do termo *de dinheiro*, pelo fato de a palavra *necessidade* possuir sentido transitivo, ou seja, de requerer algo que lhe complete o sentido. Isto, decerto, não retrata a realidade lingüística, uma vez que aparece normalmente na língua o nome *necessidade* sem o complemento, como em:

[70] A necessidade faz o sapo pular.

[71] Ele anda passando necessidade.

[72] Você trabalha demais sem necessidade.

Nestes exemplos não há o que a tradição gramatical chama de *complemento nominal*. Este fato comprova que a prescrição da gramática tradicional para regência é insuficiente, pois não consegue explicar a ausência do *termo regido* nos casos [70], [71] e [72].

Perini (ms.) mostra como esta questão é imprecisa, ao citar Bosque (1989):

Bosque (1989) dá alguns exemplos que mostram claramente como o critério da supressão é falho quando se trata de distinguir complementos de adjuntos. Admitindo que o modificador (“adjunto adnominal”) é um adjunto,

seria de esperar que nunca fosse indispensável à aceitabilidade da frase. Mas Bosque cita casos como

[73] *As igrejas dos países escandinavos são feitas de madeira.*

onde o adjunto escandinavos, se omitido, causa inaceitabilidade:

[74] * *As igrejas dos países são feitas de madeira.*

A menos que se analise escandinavos como complemento, esses exemplos mostram que o critério de omissibilidade não funciona, nem mesmo em sua forma mais cautelosa, como os adjuntos são sintaticamente omissíveis: tirar um adjunto não resulta em agramaticalidade [...] Os complementos, ao contrário, podem ser obrigatórios [...]”¹¹

(Perini, ms.)

Indo além, ao afirmar que *Regência é o modo pelo qual um termo rege outro que o complementa*, Cegalla não nos deixa claro o que vem a ser o *modo* nem tampouco o que é *reger*. Definições vagas para exemplos imprecisos.

Em geral, o que temos visto sobre o estudo de regência verbal nas Gramáticas Tradicionais da Língua Portuguesa é a não observação daquilo que seria primordial: a língua. Exemplos de sentenças não freqüentes no português atual enchem os compêndios como normas a serem adotadas e seguidas. Casos como *Assistir ao jogo* ilustram bem aquilo que o falante não utiliza com freqüência.

Cegalla (2005), como a grande maioria dos gramáticos, cita a possibilidade de um verbo assumir outra significação quando mudamos a regência deste verbo, e traz como exemplos, casos como:

a. *Bonifácio assistiu ao jogo* [= presenciar, ver]

O médico assistiu o enfermeiro. [= prestar assistência, ajudar]

b. *Olha para ele.* [= fixar o olhar]

Olha por ele. [= cuidar, interessar-se]

(Cegalla, 2005: 490)

¹¹ “Podem ser” obrigatórios: *sic*. Exemplos como o de Bosque sugerem que a omissibilidade, pelo menos em muitos casos, depende não de fatores gramaticais, como o estatuto de complemento ou adjunto, mas de fatores de ordem informacional.

Cegalla, contudo, não discute seus exemplos. Nos exemplos do grupo **b**, facilmente percebemos a diferença de sentido causada pela substituição da preposição, mas o mesmo não ocorre com os exemplos do grupo **a** ou, pelo menos, nem todos os falantes distinguem os exemplos de **a**. Isto se dá, talvez, pelo fato de o falante não mais utilizar o verbo assistir com a acepção de *prestar assistência*. Hipóteses a parte, o simples fato de uma acepção verbal cair em desuso já fragiliza o estudo da regência de tal verbo. E, como já vimos, essas diferenças de significado não são vinculadas a diferenças de regência; basta lembrar o exemplo de *O copo quebrou* e *A firma do meu tio quebrou*.

2.2.3. as vozes verbais

Para embasar as considerações acerca de vozes verbais, tomamos a obra de Bechara (2001) em sua 37ª edição, intitulada *Moderna Gramática Portuguesa*, que, segundo o próprio autor, passou

por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa maior soma de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa

(Bechara, 2001: 33)

Ao longo de suas exposições sobre as vozes verbais, Bechara, apesar das intenções expressas, ainda deixa de lado inúmeros fatos gramaticais (construções correntes e freqüentes na língua) que não são contemplados com base em seus estudos.

No início de suas explanações sobre as vozes verbais, o autor não evidencia o que seja, de fato, uma voz verbal, mas a subclassifica em três: a voz ativa, a voz passiva e a voz reflexiva. Uma das contradições entre seus ditos está na definição e aplicação de voz ativa.

2.2.3.1. voz ativa

Por voz ativa, Bechara afirma ser

a forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o agente da ação. A pessoa diz-se, neste caso, agente da ação verbal: Eu escrevo a carta, Tu visitaste o primo, Nós plantaremos a árvore.

(Bechara, 2001: 333)

Com esta afirmação, Bechara parece simplesmente ignorar os fatos da língua. Se tomarmos poucos exemplos, como

[75] *O frango assou inteiro*

[76] *A porta abriu*

[77] *A menina desmaiou*

[78] *Ernesto apanha da namorada*

[79] *Esta flor é cheirosa*

veremos que a incoerência entre os fatos da língua e os estudos de Bechara se evidencia. De acordo com a definição de Bechara, os exemplos [75] – [79] simplesmente não têm voz, já que não têm sujeito Agente e, como veremos, não se encaixam nas definições de passiva nem de reflexiva. O autor não consegue, a partir de suas explanações, explicar estes fatos.

Estamos, com os exemplos [75], [76]; [77] diante da diátese ergativa, já explicitada anteriormente, cuja definição é:

| | |
|-----|---|
| X | V |
| Pac | |

se definindo em parte pela presença de um sujeito Paciente. Temos, com estas sentenças, contra-exemplos para a argumentação de Bechara, que confunde sujeito com Agente.

2.2.3.2. voz passiva

Por voz passiva, o autor considera ser

A forma verbal que indica que a pessoa é o objeto da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se paciente da ação verbal: A carta é escrita por mim, O primo foi visitado por ti, A árvore será plantada por nós.

(Bechara, 2001: 333)

Esta afirmação de Bechara é bastante imprecisa. Ele cita haver uma “pessoa”, mas não sabemos o que vem a ser isto. Seria uma função sintática? Que função sintática seria esta? Ao que parece, existe aí uma referência à função de sujeito, mas isto não fica claro em seus argumentos.

Ao dizer “Objeto da ação verbal”, Bechara parece estar nos querendo indicar o Paciente. Objeto é função sintática e não papel temático. Trata-se, pois, de uma confusão terminológica típica prejudicial aos estudos desta natureza.

Há também exemplos que contradizem o que Bechara afirma. Os mesmos casos de *O frango assou inteiro* e *A porta abriu*, em que não temos o Agente explicitado, mas temos um Paciente do processo. Bechara não considera exemplos como este, mas tão somente os formados a partir de verbo *ser* seguido de participípio. Em casos como

[80] O filme foi visto por mais de um milhão de pessoas.

não temos sujeito Paciente, mas entendemos *o filme* como Causador de Experiência no termo *mais de um milhão de pessoas*. Certamente Bechara chamaria essa frase de passiva.

2.2.3.3. voz reflexiva

Ao definir a voz reflexiva, Bechara afirma ser a:

Forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito)

(Bechara, 2001: 333s)

O problema com essa afirmação já se dá a partir da definição de voz reflexiva. Quando afirma que a voz reflexiva *nega a transitividade*, Bechara se contradiz, pois, subsequencialmente, traz como exemplo casos como

[81] Eu me visto.

e

[82] Ele se enfeita.

Nestes casos há a noção de transitividade presente sim, apenas recaindo sobre o próprio Agente. O papel de Agente e de Paciente, nesses casos, recai sobre o mesmo sintagma. A definição de *voz ativa* de Bechara se aplica nos casos [81] e [82], pois o sujeito é Agente, tanto quanto no exemplo:

[83] Eu visto a menina.

Existem ainda inúmeros casos como

[84] Maria é elegante.

e

[85] Carlos ama seu gato.

em que não há Agente nem Paciente. Portanto, para Bechara, não se trata de voz ativa, nem passiva, nem tampouco de reflexiva. O que seria, então, esta construção?

Podemos afirmar, portanto, com toda precisão, que o sistema de 3 “vozes” é pobre demais para descrever os fatos da língua.

2.3. Allerton, Borba e Tesnière

Alguns trabalhos já foram feitos em termos de diáteses e valências verbais. Apresentamos aqui três desses trabalhos e mostramos os pontos positivos e as deficiências de cada um deles.

2.3.1. Allerton

Allerton (1983) foi um dos pioneiros nos estudos das diáteses. Em seu trabalho, fez um levantamento vasto dos verbos em inglês e elaborou uma lista de diáteses que pode ser completa dentro dos pressupostos de sua pesquisa. Esses pressupostos, contudo, apresentam algumas limitações, que passaremos a comentar.

O primeiro problema se baseia no fato de Allerton se valer do modelo transformacional. Fazendo uso deste modelo, Allerton admite uma estrutura subjacente e define as diáteses a partir desta estrutura. Este modelo é deficiente para o estudo das diáteses, pois por ele não se distinguem, por exemplo, sentenças ativas das passivas. Ambas possuem a mesma estrutura profunda e, portanto, o mesmo significado. Se contrastarmos sentenças como *O menino quebrou o copo* (sentença ativa) X *O copo foi quebrado pelo menino* (sentença passiva), decerto veremos diferenças entre elas, a contar do sujeito canônico em cada uma delas ser diferente. A única semelhança que se preserva entre elas reside no fato de a noção

de Agente (noção semântica) recair sobre o mesmo sintagma nominal *o menino*. São construções diferentes, uma vez que, embora o significado seja aproximado, a relação que o verbo estabelece com seus argumentos é diferente em cada caso¹².

Para Allerton, em termos de diátese, teríamos o mesmo sujeito em ambos os casos. O exemplo usado em sua obra é *Fagin was seen by Oliver*¹³. Allerton diz que nesta passiva:

encontramos que, embora o sujeito superficial seja agora Fagin, o sujeito de valência com seu papel temático de "experenciador" pode ser mantido como Oliver [...]

(Allerton, 1983:43)

No modelo transformacional, a relação entre as ativas e as passivas se estabelecia pela premissa de que as ativas e passivas são sempre sinônimas. Trata-se de uma afirmação não condizente com os fatos da língua. Ao compararmos os casos *Todo mundo nesta sala fala duas línguas* e *Duas línguas são faladas por todo mundo nesta sala*, veremos que as diferenças são mais do que evidentes, a contar do próprio significado que cada uma possui. Em *Todo mundo nesta sala fala duas línguas* fica implícito que as pessoas falam línguas diferentes, mas que cada uma das pessoas fala apenas duas delas, como se Marcos falasse português e japonês, Leandro falasse inglês e japonês e assim por diante. Já em *Duas línguas nesta sala são faladas por todo mundo nesta sala*, se estabelece uma relação de restrição. É como se todas as pessoas da sala falassem apenas duas línguas, o inglês e o alemão, por exemplo.

Esta premissa foi revista pelos próprios gerativistas e consertada no modelo "estendido", com Jackendoff (1972). No entanto, não é o modelo que Allerton adota.

O principal argumento contra o modelo transformacional (sob uma perspectiva descritiva) é que

¹² Ver capítulo sobre Papéis Temáticos, que trata da relação entre verbos e argumentos.

¹³ Fagin foi visto por Oliver.

este (modelo transformacional) pressupõe uma relação abstrata entre estruturas diferentes, e os argumentos em favor dessa relação são insuficientes. Ou seja, as estruturas analisadas como transformacionalmente relacionadas por Allerton e outros autores podem ser relacionadas de maneira concreta em termos de semelhança semântica e/ou sintática. Por exemplo, as frases topicalizadas se parecem com suas versões não-topicalizadas porque têm com elas uma relação sintática sistemática (a posição diferente de um sintagma, que aparece no início da frase) e uma relação semântica sistemática (são sinônimas no que se refere a seu conteúdo proposicional). Isso significa que postular uma relação transformacional entre as duas estruturas é descritivamente supérfluo.

(Perini, ms.)

Ora, sabemos que a possibilidade de ocorrência ou não em passivas não é uma pura e simples propriedade das estruturas, mas subclassifica também os verbos: *ter*, embora tenha objeto direto, não admite passiva, o que mostra que a diferença entre essas duas construções contribui para a subcategorização dos verbos. Ou seja,

O modelo transformacional confia a diferença entre passivas e ativas ao componente sintático. Mas isso dificulta a representação de um fato inegável, ou seja, que a possibilidade de passivização é governada por um item léxico (no caso, o particípio). Ou seja, a regra de passivização terá que ser restringida a aplicação conforme seja o item regente: com comido a passivização é possível, com tido não é. Esse tipo de informação é tipicamente léxica, e não gramatical, e se representa de maneira muito mais conveniente como marcas idiossincráticas (isto é, valências) dos diversos itens léxicos.

(Perini, ms.)

Por isso, a opção de Allerton pela estrutura profunda (tal como concebida na época) afeta negativamente o valor descritivo de sua lista de diáteses.

Mas o problema mais grave do modelo é que Allerton não considera o plano semântico das construções para a formulação das diáteses. Para ele, todas as construções formadas, por exemplo, de SN + V formam uma mesma diátese. Existem, no entanto, diferenças bastante grandes que podem ser escondidas nessa visão do Allerton. Por exemplo, se pegarmos os verbos *correr* e *abrir* com duas possíveis construções SN + V (*O menino correu* e *A janela abriu*), notaremos diferenças do ponto de vista semântico, como a possibilidade de o verbo *abrir* poder

ocorrer com ou sem objeto. Já o verbo *correr* nunca ocorre com objeto. Além disso, o SN de *correr* funciona como Agente, ao passo que essa noção não está contida no SN de *abrir*. A janela assume o papel temático de Paciente. Para Allerton, trata-se da mesma construção mas, pelos motivos expostos, vemos que se trata de diáteses distintas, pois subcategorizam os verbos.

2.3.2. Borba

Borba (1991; 1996) é um dos poucos lingüistas brasileiros a tratar da questão da valência. Sua obra datada de 1990 traz uma ampla descrição dos verbos em língua portuguesa. Neste trabalho, Borba fornece uma gama de significados levando em conta os múltiplos usos dos verbos. É um trabalho bastante rico do ponto de vista descritivo: de aproximadamente doze mil verbos registrados em dicionários de verbos do português, Borba constatou que cerca de seis mil deles circulam na língua atual. E é a partir destes seis mil verbos que Borba elabora seu trabalho.

Para cada verbo descrito, Borba procura explanar seus significados ao mesmo tempo que procura ampliá-los, dando ao consulente informações acerca da diátese desses verbos. Sendo assim, é possível obtermos informações do tipo ser o sujeito Agente/causativo, Paciente, Experienciador ou qualquer outro papel temático.

O objetivo de Borba, no entanto, não é discutir os papéis temáticos (donde a possibilidade de possíveis equívocos quando da citação dos mesmos em seus verbos); nem tampouco fazer um dicionário de valências, haja vista em seu prefácio afirmar que deseja apresentar ao consulente um material que permita “identificar a regência dos verbos que circulam no português contemporâneo do Brasil” (p. VII). Borba parte de uma concepção tradicional de “regência” que, como vimos anteriormente, é insuficiente para estudos de valência. Acrescenta-se que os dados de Borba provêm, exclusivamente, da língua escrita – embora ele se restrinja a textos contemporâneos, evitando assim distorções acarretadas pela mistura de planos sincrônicos que se observa nas gramáticas tradicionais, nas quais exemplos de escritores modernistas aparecem ao lado de exemplos de escritores clássicos.

2.3.3. Tesnière

Perini (ms.) cita Tesnière (1959) ao fazer um histórico sobre o estudo da valência:

foi [Tesnière] quem introduziu o termo "valência" na teoria lingüística, e seu trabalho tem o mérito de ter chamado a atenção para o fenômeno e estimulado muitas pesquisas. No entanto, apresenta muitos dos defeitos da abordagem tradicional, de modo que hoje seu valor é principalmente histórico.

*Tesnière distingue os **actantes** (*actants*, que correspondem aos nossos complementos) e **circunstantes** (*circonstants*, isto é, adjuntos); mas a distinção é tão confusa quanto nos trabalhos anteriores (e posteriores). Assim, ao tratar do verbo *changer* 'trocar', Tesnière comenta que ele*

*"tem um valor todo especial quando se concebe como verbo de um actante. Nesses casos ele se constrói com um circunstante precedido de *de e*, enquanto que com dois actantes dizemos *l'horloger change le ressort de ma montre* ['o relojoeiro troca a mola do meu relógio'], temos, ao contrário, com um só actante: *Alfred change de veste* [Alfredo troca de paletó]".*

(Perini, ms.)

A distinção que Tesnière faz sobre actante e circustante é tão difusa quanto o que se estabelece em linhas gerais sobre a diferenciação entre complementos e adjuntos. Com este propósito, afirma Perini (ms.):

*Note-se que em *Alfred change de veste* o circunstante é inclusive obrigatório, pois presumimos que **Atfred change* deve ser tão anômalo quanto o português **Alfredo troca*.*

A sintaxe de Tesnière é pouco rigorosa, e escorrega em afirmações como a de que

*Os **actantes** são sempre **substantivos**, ou equivalentes de substantivos.*
(p. 103)¹⁴

*quando o próprio Tesnière cita como actantes sintagmas como à Charles, em *Alfred donne lê livre à Charles* [p. 103]; este é claramente um sintagma preposicionado e, portanto, não pode ser considerado o "equivalente" sintático de um substantivo (ou seja, na nomenclatura atual, um SN).*

(Perini, ms.)

¹⁴ Mantivemos o uso de negritos, como no original

Em sua crítica ao trabalho de Tesnière no que diz respeito aos actantes e sua relação com os papéis temáticos, Perini afirma que:

Os actantes (que seriam no máximo três por oração) se definem simbolicamente, mas sem deixar espaço para a grande variedade de papéis temáticos que ocorrem na realidade. Por exemplo,

Do ponto de vista semântico, o primeiro actante é o que pratica a ação. Por isso, o primeiro actante é conhecido na gramática tradicional com o nome de sujeito, que vamos manter.

(Tesnière, p. 108)

Por outro lado, Tesnière já exprime algumas noções fundamentais, certamente defensáveis até hoje. Ele reconhece o papel central do verbo na estruturação da oração:

*[...] o verbo fica no centro do nóculo verbal e por conseguinte da frase verbal. Ele é portanto o **regente** de toda a frase verbal.*

(Tesnière, p. 103)

E observa a possibilidade de não-ocorrência de actantes, ou seja, o problema da opcionalidade dos chamados complementos:

nunca é necessário que as valências de um verbo sejam inteiramente preenchidas pelo actante e que o verbo seja, por assim dizer, saturado. Algumas valências podem ficar desocupadas [...]

(Tesnière, p. 338)

No entanto, essa observação não se harmoniza com a concepção de Tesnière do que vem a ser um actante, pois ele afirma em outro lugar que

o primeiro actante se encontra em princípio em todas as frases de um, dois ou três actantes; [...] o segundo actante se encontra em princípio nas frases de dois ou três actantes [...]

(Tesnière, p.108)

Não sabendo o que ele quer dizer exatamente com "em princípio", ficamos exatamente na situação de incerteza em que nos deixam as teorias tradicionais.

(Perini, ms)

Embora seja um trabalho com algumas deficiências, a contribuição de Tesnière é de grande importância, pois trata-se do marco inicial dos estudos de valências.

2.4. A análise de Levin

O trabalho de Levin (1993) é bastante significativo para a linguística descritiva. Isto porque ela fez uma análise de aproximadamente três mil verbos em língua inglesa, levando em conta o comportamento semântico desses verbos nas construções, bem como a configuração sintática dessas construções.

A hipótese inicial do seu trabalho se pauta na seguinte questão: até que ponto verbos com significados semelhantes possuem semelhança de diáteses? Afirma ela:

O comportamento de um verbo, em particular no que se refere à expressão e interpretação de seus argumentos, é em grande parte determinado por seu significado.

(Levin, 1993: 14)

Trata-se de uma hipótese bastante interessante e que pode ser confirmada ou refutada. A fim de testar sua hipótese, Levin agrupa os verbos em diferentes classes de significados. Por exemplo, toma os verbos *banish*, *deport*, *evacuate*, *expel*, *extradite*, *remove*¹⁵ e os agrupa na classe dos Banish Verbs¹⁶. É um procedimento bastante prático para testar a hipótese levantada por ela. No entanto, a autora peca por não explicitar o componente essencial na conceituação de diáteses: a capacidade de uma construção subclassificar os verbos. Isso significa dizer que o fato de se detectar uma diferença semântica ou sintática entre duas construções não implica dizer que sejam necessariamente duas diáteses diferentes. A exemplo disso, temos as construções topicalizadas, como nos casos que se seguem:

| | | |
|---------------|--------|-----------|
| i. O cachorro | mordeu | o menino. |
| Sujeito | Verbo | Objeto |

Neste caso i, temos a ordem direta, formada pelo cânone de formação sentencial em português: SUJ + VER + OBJ. A partir do caso i, é possível fazer a topicalização do objeto, como demonstrado em ii:

¹⁵ Banir, deportar, evacuar, expulsar, extraditar, remover

¹⁶ Verbos "de Banir"

| | | |
|---------------|------------|--------|
| ii. O menino, | o cachorro | mordeu |
| Objeto | Sujeito | Verbo |

Aqui, a topicalização se dá pela transposição do Objeto para o início da sentença, modificando a estrutura canônica do português. Não podemos dizer que estamos diante de duas diáteses. Isto porque, em português, a topicalização não é um fator que subclassifica um verbo. Não existem verbos que aceitam ou não a topicalização. Em princípio, a topicalização ocorre com qualquer verbo do português. Depende de fatores estruturais (por exemplo, não parece ser possível topicalizar um predicativo do objeto), mas não depende da identidade do verbo. Temos, portanto, em i e em ii, diferenças de sentido e de forma, mas contamos apenas com uma diátese.

Se o comportamento distintivo das classes de verbos em relação às alternâncias de diáteses decorre de seu significado, qualquer classe de verbos cujos membros funcionam paralelamente quanto às alternâncias de diáteses deve ser uma classe semanticamente coerente: seus membros devem compartilhar pelo menos algum aspecto de seu significado.

(Levin, 1993: 14)

Perini (ms.) ao criticar o trabalho de Levin diz que

Isso pode valer como uma hipótese a ser investigada, e eventualmente confirmada total ou parcialmente. Mas Levin não explicita um fator essencial na conceituação das diáteses, que é a capacidade ou não de uma construção de subclassificar os verbos. Ou seja, o fato de se detectar uma diferença semântica ou formal entre duas frases não significa automaticamente que estas sejam representantes de duas construções diferentes – é o caso das frases topicalizadas, que apesar de se distinguirem formalmente de suas versões não topicalizadas, não podem ser consideradas base para uma diátese verbal, porque os verbos não se dividem entre os que admitem e os que não admitem estas construções.

É verdade que, de uma maneira ou outra, Levin escapa de incluir em sua lista de diáteses construções claramente não-classificadoras (como frases topicalizadas, clivadas, negadas ou interrogadas), o que mostra que, pelo menos implicitamente, ela estaria aplicando o princípio de que relevância para a subclassificação é critério para a postulação de uma nova diátese.

[...]

Outro fato importante a ser dito a respeito do trabalho de Levin é que a homogeneidade das classes semânticas é desmentida, em parte, pela ocorrência muito grande de particularidades, que ela apenas comenta, sem

tirar conclusões. Assim, por exemplo, ao comentar as propriedades de cada grupo (semântico) de verbos, ela constantemente acrescenta notas como "most verbs" ou "some verbs", mostrando que a homogeneidade tem limitações. Ora, ela não explora essas limitações. Por isso, sua lista, que é aliás preciosa como fonte de indicações, é imprecisa demais para servir como base de teste para a hipótese.

(Perini, ms.)

Segundo Perini (m.s), as distinções entre as diáteses de Levin são, por vezes, muito finas, a ponto de serem gramaticalmente irrelevantes. Desta forma, haverá um número bastante expressivo de diáteses, talvez maior que o desejável. Um exemplo disto está na distinção da construção "sem objeto" e na chamada "objeto elíptico parte do corpo", como nas sentenças abaixo:

Construção sem objeto:

iii. O marido dela nunca bebe.

Construção de Objeto Elíptico Parte do Corpo:

iv: A menina piscou para mim.

Esta diferença, se é que existe, está muito mais presa a fatores pragmáticos que à classe do verbo. Claro que existem diferenças entre elas, como por exemplo os possíveis objetos para *beber*. *O marido* não bebe bebidas alcoólicas, mas de certo bebe água, sucos, etc. Quanto ao piscar, a menina não pisca a boca, nem os ouvidos, mas somente os olhos. Essa diferença, no entanto, não diz respeito ao verbo, mas ao detalhamento do objeto de *piscar* e de *beber* – com base não em nosso conhecimento de suas diáteses, mas no conhecimento de mundo.

A lista de Levin não apresenta uma análise das diáteses utilizadas, o que limita sua utilidade. Ela simplesmente nomeia suas alternâncias (grupos de diáteses que apresentam alguma semelhança) e acrescenta exemplos, sem destrinchar a análise sintática e semântica das construções. Essas análises estão implícitas e serviram de subsídio para a elaboração das alternâncias. Cabe ao leitor decifrar o que ela está falando.

3. VERBOS DE VITÓRIA E DERROTA

Este capítulo traz a definição dos Verbos de Vitória e Derrota. Notamos que estes verbos apresentam três componentes em comum: o conflito direto, a simetridade e o resultado do conflito. Trata-se de componentes semânticos que serão discutidos a seguir.

3.1. Definição dos Verbos de VITÓRIA E DERROTA

Em nossa amostragem de verbos de vitória e derrota coletada a partir de Borba (1990), levantamos aspectos de natureza semântica, discursiva e léxica para definirmos a matriz conceitual desses verbos. Notamos que:

1. *Os verbos de vitória e derrota se definem por poderem ocorrer com três traços semânticos, especificados abaixo. Alguns deles podem ocorrer em outras acepções, mas todos eles (e só eles, em toda a língua) podem ocorrer com os três traços definitórios simultaneamente presentes na mesma ocorrência.*
2. *Quando os verbos de vitória e derrota ocorrem em sua acepção básica (isto é, com os três traços definitórios), associam-se sempre a dois argumentos, necessariamente presentes na representação semântica, embora nem sempre expressos sintaticamente.¹⁷*

Nossa definição de verbos de vitória e derrota se dá em termos semânticos. Em geral, os autores se contentam com percepções mais ou menos difusas, ao falar, por exemplo, de *verbos de ação, verbos dicendi, etc.* Estes conceitos são bastante vagos, pois em geral não se oferecem definições precisas das classes de verbos.

¹⁷ Para a distinção entre argumentos semânticos obrigatórios e opcionais, ver Culicover e Jackendoff, 2005: 174s.

Um verbo se classifica como vitória e derrota se, em pelo menos uma das construções em que ocorre, apresenta os três traços semânticos seguintes:

3.2. Traços Semânticos Necessários

(a) Conflito Direto (CD)

Trata-se da pressuposição de conflito direto entre os dois argumentos envolvidos no processo. Sendo assim, podemos dizer que em casos como

[86] *O Cruzeiro derrotou o América*

está **pressuposto** o Conflito Direto, uma vez que podemos negar esta sentença e, mesmo assim, se mantém o valor de verdade do Conflito Direto. Ou seja, a frase seguinte também comunica, entre outras coisas, que houve conflito direto:

[87] *O Cruzeiro não derrotou o América*

Sendo assim, no exemplo [86], fica entendido que houve um conflito entre os dois argumentos.

Ainda sobre o conflito direto, dizemos que dois adversários são diretamente representados pelos dois complementos do verbo, como no exemplo [86]. Já em

[88] *O Cruzeiro venceu o jogo contra o América*

não há conflito direto, uma vez que um dos argumentos do verbo (*o jogo*) não é um dos participantes do conflito. Não há conflito (necessário) em

[89] *A menina venceu a pneumonia.*

nem tampouco em

[90] A conta venceu.¹⁸

(b) Resultado do Conflito (RC)

Outro traço semântico associado aos verbos de vitória e derrota é a **afirmação** do resultado do conflito. Assim, em

[91] *O Vasco venceu o Flamengo*

claramente se percebe quem foi o vitorioso e quem foi o perdedor neste conflito. Este dado não se observa, por exemplo, em

[92] *O Vasco enfrentou o Flamengo*

Aqui, existem os dois argumentos, existe o conflito direto entre esses argumentos, mas não há o resultado deste conflito. Essa ausência do componente “resultado do conflito” ocorre em todas as ocorrências de *enfrentar*. Por esta razão, não podemos dizer que o verbo *enfrentar* se enquadra no universo semântico de vitória / derrota.

Dizemos haver a **afirmação** do resultado do conflito (e não a **pressuposição**) porque o resultado do conflito não se mantém se a frase for negada, como em:

[93] *O Vasco não venceu o Flamengo*

Neste caso, o *Vasco* não foi vitorioso no processo. Pode ter havido, por exemplo, empate. Sendo assim, a negativa afeta o valor de verdade do resultado do conflito. Temos, portanto, a afirmação do resultado do conflito e esta é inquestionável.

(c) Simetridade (SM)

¹⁸ Aqui, além de não indicar uma ação, não existem, nem implicitamente, os dois argumentos necessários exigidos pelos verbos de vitória e derrota.

Por “simetricidade”, entendemos a relação de **pressuposição** de igualdade de condições dos dois contendores em relação ao início do conflito. Assim, retomando o exemplo [90] em

[94] *O Vasco venceu o Flamengo*

Este exemplo continua incluindo os ingredientes de simetricidade, ou seja, o resultado poderia ter sido o oposto.

Construções como *O Vasco venceu o jogo*, no entanto, não apresentam simetricidade, uma vez que o jogo não poderia em hipótese nenhuma vencer o Vasco.

A negação não afeta a simetricidade, o que mostra que esta é **pressuposta**.

A simetricidade pode aparecer com os verbos de vitória e derrota mesmo em casos em que um dos argumentos é inanimado – nesse caso, o interlocutor é forçado a uma interpretação metafórica. Assim, em casos como

[95] *Finalmente venci o artigo de Dowty,*

entende-se que houve uma briga entre mim e o artigo, e que o artigo teria vencido se eu não conseguisse entendê-lo: *esse artigo simplesmente me venceu*.

a. *O verbo tem os três traços definitórios*

Os verbos de vitória e derrota se definem como os que podem ocorrer com todos os três traços acima definidos. Podem, no entanto, ocorrer sem Simetricidade ou Conflito Direto explícitos, como mostram alguns dos exemplos. A presença dos traços depende das diáteses. Estes três traços estão presentes sempre que estes verbos ocorrem na construção adequada. Por outro lado, os mesmos verbos podem

ocorrer em construções em que não se realiza o significado de vitória e derrota, como em

[96] *Meu exame de vista venceu.*

[97] *Eu ganhei um relógio de ouro.*

Nestes exemplos, não identificamos nenhum dos três traços necessários aos verbos de vitória e derrota. O que os caracteriza como pertencentes a esta classe é sua propriedade de poderem, dada a construção adequada (pelo menos uma), ocorrer com os três traços semânticos dados acima. Essa é uma propriedade exclusiva dos verbos de vitória e derrota.

Um verbo como *matar*, por exemplo, não pode ocorrer com os três traços. Mesmo em construções semelhantes a *O policial matou o fugitivo*, não há (necessariamente) o Conflito Direto: o policial pode ter atirado no fugitivo sem que esse percebesse a presença do outro, ou poderiam ser amigos e o policial atirou por engano, etc. Todavia, em *O policial venceu o fugitivo* há necessariamente conflito pressuposto, resultado afirmado (o policial venceu) e simetridade pressuposta (o fugitivo poderia, em princípio, ter vencido).

b. Os traços são expressos pelo verbo (não por outros elementos da frase ou do contexto)

Não basta que os três traços estejam presentes na representação semântica da sentença para que haja nela um verbo de vitória e derrota. É preciso que se possa atribuir essa presença ao verbo; assim, de

[98] O Vasco conseguiu uma vitória sobre o Flamengo

não podemos concluir que *conseguir* é um verbo de vitória e derrota, porque os traços estão aí em virtude da semântica do nominal *vitória*. Isso, aliás, mostra que

há também nominais de vitória e derrota, que no entanto ficam de fora do escopo do presente estudo.

Igualmente, em muitos casos os traços são decorrentes de elementos contextuais (conhecimento do mundo ou informações prévias fornecidas pelo texto); também aí não podemos atribuir a presença dos traços ao verbo. Por exemplo, em

[99] O Vasco triturou o Flamengo.

entende-se que o Vasco venceu um confronto direto, mas isso porque conhecemos as circunstâncias em que os dois times se enfrentaram, e que o Vasco e o Flamengo são times. O verbo *triturar* não é responsável por isso, tanto é assim que podemos dizer

[100] Essa máquina tritura madeira.

ou

[101] A cozinheira triturou as nozes.

casos em que os três traços não estão presentes.

É necessário explicitar tudo isso porque o objetivo principal deste trabalho se prende à taxonomia dos verbos – queremos descrever aquilo que o falante da língua sabe a respeito dos verbos enquanto itens léxicos.

4. ESTUDANDO A CLASSE DOS VERBOS DE VITÓRIA E DERROTA

Neste capítulo discutimos a hipótese inicial de nossa pesquisa, marcada pela possível relação entre forma e significado. Apresentamos os nove verbos que se definem segundo os critérios estabelecidos no capítulo 2 (Conflito direto, Simetricidade e Resultado do conflito). Juntamente com estes oito verbos, damos uma série de construções em que cada um deles ocorre. A partir destas construções, fazemos um quadro demonstrativo, indicando a valência de cada um destes nove verbos e os comentários pertinentes a cada um deles.

4.1. A hipótese da correlação significado/valência

É necessário sabermos até que ponto realmente existe relação entre forma e significado. A correlação entre forma e significado é assim expressa por Taylor:

A expectativa é que os fatos sintáticos (e morfológicos) de uma língua sejam motivados por aspectos semânticos e que possam ser exhaustivamente descritos através de estruturas simbólicas.

(Taylor, 2003:39)

Taylor, à primeira vista, é bastante radical quando trata do assunto, por afirmar que os aspectos sintáticos podem ser descritos *exaustivamente* através de estruturas simbólicas. Ou seja, Taylor exclui a possibilidade de haver fatos sintáticos ou morfológicos não motivados por aspectos semânticos; mas, como veremos, tais casos existem na língua.

Levin é menos radical, pois afirma apenas que

[...] o comportamento de um verbo, em particular no que diz respeito à expressão e interpretação de seus argumentos, é em grande medida determinado por seu significado.

(Levin, 1993: 1)

Ainda que menos radical que Taylor, Levin peca quando diz que a interpretação dos argumentos verbais é em grande medida determinado por seu significado. A objeção que se faz está na falsa quantificação expressa por Levin. Não é nada preciso o termo 'grande medida'. O pesquisador quer e precisa saber em que casos, precisamente, os fatos sintáticos são ou não são motivados pelos aspectos semânticos que envolvem a sentença e isso não fica em nenhum momento evidenciado nos postulados da autora.

Langacker, embora admitindo a existência de correspondência entre forma e significado, deixa bem claro que não é um fenômeno simples, nem cobre todos os casos:

Obviamente, [...] a lista de membros de muitas classes gramaticais não é totalmente previsível com base em propriedades semânticas ou [formais]. Por exemplo, a classe dos substantivos que sonorizam f em v no plural (leaf / leaves, mas reef / reefs).

(Langacker, 1991: 19)

De qualquer modo, mesmo levando em consideração a posição mais prudente de Langacker e de Levin, mantém-se o problema de delimitar a correlação, que certamente existe até certo ponto. Assim, os verbos de vitória e derrota realmente todos tomam sujeito e mais um complemento - nenhum deles, por exemplo, ocorre sempre sem complemento. E todos eles, por definição, envolvem dois participantes. Culicover & Jackendoff (2005) afirmam que:

Como parte de seu significado, um verbo especifica um certo número de argumentos semânticos – entidades intrinsecamente envolvidas na situação que o verbo denota.

(Culicover & Jackendoff; 2005:173)

Ou seja, os argumentos semânticos associados a um verbo seriam decorrentes do significado do verbo. O caso dos verbos de vitória e derrota confirma essa afirmação.

Isto, claro, se dá quando a aceção de vitória e derrota se realiza. Além disto, os participantes são semânticos e, por isso, podem ser omitidos. Aqui temos um ponto em que a correlação parece valer. Já a **forma** dos argumentos varia bastante, e é preciso fazer a lista completa, que será dada mais adiante nesta dissertação - uma

das tarefas a executar. Outra coisa: pode ser que alguns **exijam** a expressão do complemento interno (o não-sujeito); outros admitem a supressão desse complemento.

Ao localizar uma dupla de verbos com semântica idêntica (a julgar pelos três traços utilizados) e valências diferentes, é preciso mostrar que essa diferença de valências não decorre de alguma diferença semântica não incluída nos três traços considerados. Só então fica mostrado que o verbo em questão é contra-exemplo à hipótese da correlação perfeita entre significado e valência.

Os verbos seguintes foram extraídos do trabalho de Borba (1991), e constituem a lista completa dos verbos de vitória e derrota do português.

a) Apanhar

[102] João apanhou de José.

b) Bater

[103] João bateu em Mariana

c) Derrotar

[104] O Vasco derrotou o Flamengo

d) Desbancar

[105] Lula desbancou Geraldo nas últimas eleições

e) Empatou

[106] O Cruzeiro empatou com o Atlético

f) Ganhar

[107] O Brasil ganhou da Alemanha

g) Perder

[108] O Vasco perdeu do Flamengo

h) Sobrepujar

[109] O Cruzeiro sobrepujou o Atlético no campo

i) Vencer

[110] O Cruzeiro venceu o Paraná

4.2. Polissemia e Valência

Muitos dos verbos de vitória e derrota são polissêmicos e sua polissemia só se relaciona parcialmente com as diversas diáteses de cada um. Ou seja, nem sempre o aparecimento de uma nova acepção coincide com uma nova diátese. Aqui há um grande número de conexões a investigar, e só podemos oferecer uma lista de acepções, para ilustrar como em certos casos elas correspondem a mudança de significado, e em outros não.

Por serem polissêmicos, estes verbos apresentam heterogeneidade semântica¹⁹ e sintática, conforme comentários abaixo:

4.2.1. *Apanhar*

Tomamos aqui algumas das muitas acepções do verbo *apanhar*, a saber:

i. O verbo *apanhar* com complemento expresso por meio de nome concreto, sublinhado nos exemplos, significa *pegar, catar, colher, recolher*:

[111] A babá apanhou os brinquedos do chão.

[112] Os agricultores apanham as goiabas no início do verão.

¹⁹ Acrescentamos, nos exemplos, os Papéis Temáticos utilizados na definição das diáteses. Os Papéis Temáticos são discutidos com maior detalhamento na seção 3.2 deste mesmo capítulo.

[113] Júlia pegou o caderno para estudar.

Nestes casos, temos X desempenhando o papel de Agente, e o SN pós-verbal, com o papel de Paciente/Tema. Estamos diante da *Diátese Transitiva*.

ii. Com complemento expresso por meio de nome animado, sublinhado no exemplo, significa *prender, capturar*:

[114] A polícia apanhou o assaltante.

Temos, neste exemplo, X Agente e SN pós-verbal Paciente, caracterizando, também, a *Diátese Transitiva*.

iii. Com complemento expresso por meio de nome designativo de idéia, sublinhado no exemplo, significa *apropriar-se*:

[115] O diretor apanhou meu projeto e o colocou em prática.

Nesta acepção, o verbo *apanhar* também se realiza na *Diátese Transitiva*, pois apresenta X Agente e SN pós-verbal Paciente.

iv. Com complemento expresso por meio de nome inanimado, sublinhado no exemplo, significa *receber*:

[116] Maria apanhou muita chuva.

Esta frase exemplifica a *Diátese de Sujeito Meta*, cuja caracterização se dá pela distribuição do papel de Meta ao sujeito X, e de Tema ao SN pós-verbal.

v. Com sujeito Paciente expresso por meio de nome animado e com complemento Agente formado por deSN, sublinhado no exemplo, significa *levar surra*:

[117] Pedro apanha da mulher todos os dias.

Este exemplo ilustra a *Diátese de Derrota*, que apresenta X (sujeito) Paciente e deSN com o papel de Agente.

Nestes exemplos, notamos que o verbo *apanhar* se realiza sempre com dois argumentos necessariamente expressos, com exceção da última acepção arrolada, por causa de exemplos como:

[118] Pedro apanha todos os dias.

Neste caso, a supressão do complemento (mas não do argumento) também indica a acepção de [117]: *levar surra* que, para termos de análise, se enquadra na classe de vitória e derrota. Assim, dizemos que *Pedro apanha todos os dias* o Agente (não expresso, mas entendido) é o vitorioso no conflito; o Paciente, *Pedro*, poderia ter *batido*, e ainda entendemos que ambos, Agente e Paciente, tiveram um Conflito direto.

4.2.2. Bater

Apresentamos algumas acepções do verbo *bater*:

i. O verbo *bater* tem a acepção de *fechar violentamente algo*. Com este sentido, o complemento será expresso por um nome que indica algo que fecha uma abertura, (sublinhado no exemplo):

[119] Ricardo bateu a porta.

Este é mais um exemplo da *Diátese Transitiva*: X Agente e SN Paciente.

ii. Com o complemento expresso por um nome indicativo de *algo que produz som* (sublinhado no exemplo), o verbo *bater* terá a acepção *tocar, soar*:

[120] O relógio da matriz bateu cinco horas.

[121] O vigário bateu o sino.

Estes casos também configuram a *Diátese Transitiva*.

iii. O verbo *bater*, com complemento expresso por nome de *parte móvel do corpo*, (sublinhado no exemplo), significa *executar movimentos rápidos e repetidos*:

[122] O beija-flor batia as asas.

[123] O turista bateu os queixos de frio.

Também com esta acepção temos a *Diátese Transitiva*.

iv. Com o complemento expresso por nome de *alimento*, (sublinhado no exemplo) o verbo *bater* terá o sentido de *mexer, misturar, agitar*:

[124] A cozinheira bateu os ovos.

[125] O liquidificador bateu a vitamina.

Também temos, nestes exemplos, a *Diátese Transitiva*.

v. Com o complemento expresso por nome *animado* (sublinhado no exemplo), o verbo *bater* terá a acepção de *derrotar, vencer*:

[126] Lula bateu Geraldo nas urnas.

Mais uma vez, temos a *Diátese Transitiva*.

vi. Com o complemento expresso por nome concreto indicativo de *peça do vestuário*, (sublinhado no exemplo), o verbo *bater* significa *usar muito, repetir muito*:

[127] O estudante bate a mesma calça a semana inteira.

Este é outro exemplo da *Diátese Transitiva*.

vii. Com sujeito Agente e complemento seguido da preposição *em* (sublinhado no exemplo), o verbo *bater* indica *surrar, agredir fisicamente*:

[128] Eu não bato em mulheres.

Este exemplo ilustra a *Diátese de Tema e Meta*, caracterizada pela presença de X Agente e *emSN* Paciente.

viii. O verbo *bater* pode ainda vir sem complemento pós-verbal, tendo vários sentidos:

a) [129] Maria bateu. (surrrou)

Neste caso, temos X Agente e ausência de complemento Paciente, caracterizando a *Diátese Transitiva sem Objeto*.

b) [130] O portão bateu. (fechou)

Neste caso, temos X Paciente e a ausência de complemento Agente, caracterizando a *Diátese Ergativa*.

c) [131] O liquidificador bateu. (misturou, triturou)

Neste caso, temos X Agente²⁰ e ausência de complemento Paciente, caracterizando a *Diátese Transitiva sem Objeto*.

ix. O verbo *bater* assume diversos significados em expressões idiomáticas, como nos exemplos:

a) [132] João *bateu as botas*. (morrer)

b) [133] O fugitivo *bateu em retirada*. (fugir)

²⁰ Ainda que o Agente tenha traços de Instrumento, estamos admitindo

c) [134] As vizinhas *bateram boca*. (discutiram)

d) [135] Carlos *bate perna* o dia inteiro. (anda)

As expressões idiomáticas, como justificaremos adiante, não serão analisadas neste trabalho.

4.2.3. Empatar

O verbo *empatar* apresenta alguns significados, como os seguintes:

i. Com complemento expresso por nome *abstrato de ação*, (sublinhado no exemplo) significa *atrapalhar*:

[136] A chuva empatou nossa viagem.

Este é mais um exemplo da *Diátese Transitiva*.

ii. Com complemento expresso por nome designativo *de disputa*, (sublinhado no exemplo), significa *igualar o resultado de uma disputa*:

[137] O Vasco empatou com o Bangu.

Com este exemplo, temos a *Diátese Recíproca de Sintagma Preposicionado*, definida por X Tema/Meta e comSN Tema/Meta.

iii. O verbo *empatar* pode, ainda, vir sem complemento pós-verbal, como em:

[138] O jogo empatou.

Neste caso, temos a *Diátese Ergativa*, definida por X Paciente.

4.2.4.. *Ganhar*

O verbo *ganhar* também apresenta diversos significados, dos quais levantamos alguns:

i. Com o complemento expresso por nome *humano* (sublinhado no exemplo), terá o sentido de *seduzir, convencer*:

[139] O candidato ganhou mais um eleitor.

[140] Com um bom carro, todo homem ganha mulher.

Estes exemplos também ilustram a *Diátese Transitiva*.

ii. O verbo *ganhar*, com complemento *não humano* (sublinhado no exemplo), terá o sentido de *receber*:

[141] Pedro ganhou flores.

[142] A menina ganhou um gato.

Nestes exemplos, temos a *Diátese Transitiva de Sujeito Meta*, caracterizada pela presença de X Meta e SN. Pode haver, ainda, uma Fonte, elemento de onde se movimenta algo, como no exemplo seguinte:

[143] Felipe ganhou um chifre da namorada.

iii. Com complemento expresso por nome *não animado*, designativo de *vantagem*, (sublinhado no exemplo), significa *adquirir, obter*:

[144] Maria Bethânia ganhou fama em 1965.

[145] Marta ganhou cinco quilos esta semana.

Também temos a *Diátese Transitiva de Sujeito Meta* nestes exemplos.

iv. Com complemento expresso por nome designativo de *competição* (sublinhado no exemplo), o verbo *ganhar* significa *tornar-se vencedor*:

[146] O cavalo ganhou a competição.

[147] Joaquim ganhou o processo.

Estes exemplos também são da *Diátese Transitiva*.

v. Com complemento na forma de + nome *animado*, (sublinhado no exemplo), significa *tornar-se vitorioso*:

[148] O Botafogo ganhou do Madureira.

Este caso exemplifica a *Diátese de Vitória*, definida por X Agente e deSN Paciente.

4.2.5. Perder

Aqui apresentamos alguns dos significados do verbo *perder*:

i. Com sujeito Agente e complemento expresso por nome *não animado* (sublinhado no exemplo) significa *não aproveitar, desperdiçar*:

[149] Ela não perde tempo.

Nesta acepção, temos a *Diátese Transitiva*.

ii. Com sujeito Paciente expresso por nome *animado* indicativo de *fêmea* e com complemento expresso por nome designativo de *ser concebido*, (sublinhado no exemplo), o verbo *perder* significa *abortar, não chegar a dar à luz*:

[150] A vaca perdeu a cria.

[151] Maria Clara perdeu o filho.

iii. Com sujeito Agente e complemento expresso por nome *animado*, (sublinhado no exemplo), o verbo *perder* significa *separar-se pela morte*:

[152] Marcos perdeu sua mãe.

Temos, neste exemplo, a *Diátese Transitiva*.

iv. Com complemento expresso por nome *não humano*, designativo de *parte ou caráter inerente do sujeito*, (sublinhado no exemplo), significa *ficar sem a posse de; cessar de ter; ficar privado de*:

[153] O açude perdeu água no inverno.

[154] O menino perdeu dois dentes.

Estes casos exemplificam a *Diátese Pseudo-ergativa*, que apresenta X Possuidor, que pode também ser Agente, mas não obrigatoriamente. Haverá também um SN que desempenha o papel de Possuído.

v. Com complemento expresso por nome na forma *de + ser animado*, (sublinhado no exemplo), significa *ser derrotado*:

[155] O Atlético perdeu do Madureira.

Estamos diante do exemplo da *Diátese de Derrota*, definida por um X Paciente e um de+SN Agente. Em alguns casos, (Cf. *O Atlético perdeu pro Madureira*) podemos ter para+SN.

vi. O verbo *perder* pode aparecer sem complemento pós-verbal, assumindo diversos sentidos:

a) [156] O Flamengo *perdeu*. (saiu derrotado)

Neste caso, temos a *Diátese de Derrota*. Embora não haja o complemento expresso, existe o argumento (algum time que venceu o Flamengo), recuperado por meio do contexto.

b) [157] O arroz *perdeu* na geladeira. (estragou)

Neste exemplo, temos a *Diátese Ergativa*, definida por X Paciente.

vii. O verbo *perder* assume diversos significados em expressões idiomáticas, como nos exemplos:

a) [158] O lutador *perdeu as estribeiras*. (enfureceu-se)

b) [159] Alice *perdeu o ano*. (reprovou-se)

c) [160] Você *não perde por esperar*. (receber castigo justo, posteriormente)

d) [161] Cuidado para não *perder a hora*. (atrasar-se)

e) [162] O detetive *perdeu o fio da meada*. (atrapalhar-se)

f) [163] Janaína *perdeu o rebolado*. (ficar envergonhado, embaraçado)

Como já dissemos (e justificaremos mais adiante) as expressões idiomáticas não serão objeto deste trabalho.

4.2.6. Vencer

O verbo *vencer* também apresenta vários significados, dos quais destacamos os seguintes:

i. Com complemento expresso por nome (sublinhado no exemplo), significa *obter vitória sobre; triunfar; derrotar*:

[164] O bem vence o mal.

Este é mais um exemplo da *Diátese Transitiva*.

ii. Com complemento expresso por nome *abstrato referente a sentimentos ou impulsos* (sublinhado no exemplo) significa *refrear; reprimir*:

[165] O marido venceu seus desejos.

Este é outro exemplo da *Diátese Transitiva*.

iii. Com sujeito Paciente expresso por nome indicativo *de prazo* (sublinhado no exemplo) significa *expirar; terminar; estragar*:

[166] O prazo vence em agosto.

[167] O doce venceu.

Este exemplo ilustra a *Diátese Ergativa*.

Há, nos verbos de Vitória e Derrota, aqueles que não são polissêmicos. Como mostraremos mais detalhadamente adiante, todos ocorrem na acepção de vitória e derrota e estarão na *Diátese Transitiva*:

4.2.7. Derrotar

[168] Os EUA derrotaram o Iraque.

[169] O governo derrotou a fome.

4.2.8. Desbançar

[170] O automóvel desbanca o cavalo.

[171] O Atlético desbancou o Cruzeiro.

4.2.9. Sobrepujar

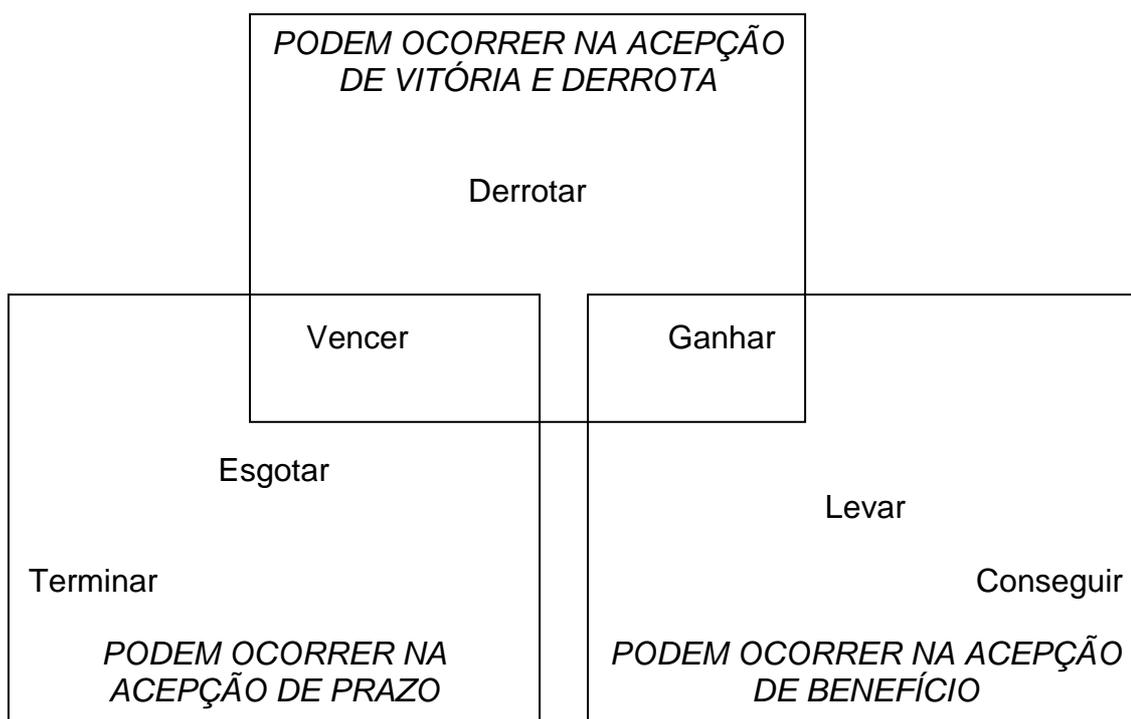
[172] O gigante Goliás sobrepujou quase todos os inimigos.

[173] O barco sobrepujava as ondas.

Estes verbos só ocorrem na acepção de vitória e derrota e não aparecem em outra diátese, além da transitiva.

Algumas sentenças arroladas de [119] a [173] contemplam os três critérios de definição semântica de vitória e derrota, como *O Vasco derrotou o Flamengo*; *O Botafogo ganhou do Madureira*; etc, outras apresentam significado completamente

distinto, como *A vaca perdeu a cria; O prazo vence em agosto; etc.* O que devemos, então, fazer para reorganizar os critérios de preenchimento semântico dos verbos de vitória e derrota? Na verdade, o que devemos observar é que alguns verbos (como *vencer, ganhar, etc*) fazem parte da classe vitória e derrota, ao mesmo tempo em que podem aparecer em outras categorias semânticas, como no caso *A conta venceu*. Neste caso, não encontramos nenhum dos traços definitórios. Temos, assim, um verbo de vitória e derrota que pode assumir outras acepções. O que podemos concluir é que existem verbos que são exclusivamente pertencentes à classe de vitória e derrota (*derrotar, desbançar, sobrepujar*), ao mesmo tempo em que há verbos que não se enquadram nessa categoria, (*pular, abrir, etc*) como também há verbos que se apresentam na categoria vitória e derrota e podem aparecer em outras categorias (*ganhar, vencer*). Em esquema bastante simples, temos:



Chamamos aqui de “verbos de prazo”, aqueles que se constroem como:

[174] A conta venceu.

ou

[175] O prazo esgotou.

em que claramente notamos a presença do aspecto de tempo transcorrido no processo verbal. Como “verbos de benefício” entendemos aqueles em que há algo favorável ao sujeito, algo que o beneficia, como em

[176] *Maria levou o prêmio de 3 mil.*

ou ainda

[177] *Maria conseguiu o 1º lugar.*

A ocorrência nas diversas acepções, conforme mostramos no esquema (quadro) acima, não se faz por blocos mutuamente exclusivos, mas por traços em princípio independentes, o que acarreta o aparecimento de sobreposições. Trata-se de uma classificação cruzada, o que permite que um verbo ocorra em acepções semânticas distintas (como o caso de *vencer*, por exemplo, que se enquadra em *vitória e derrota* e em *prazo*) e não de uma classificação em árvore, que não poderia expressar a distribuição real dos traços semânticos.

Podemos assim dizer que os verbos de vitória e derrota são aqueles que **podem** ocorrer com os três traços estudados (Confronto Direto, Simetricidade e Resultado do Conflito) – ou seja, definição se faz em termos de seu **potencial funcional** semântico.

4.4. Papéis Temáticos

Para entender o que sejam os papéis temáticos, tomamos o seguinte exemplo:

[178] O gato arranhou o menino.

Numa perspectiva sintática, temos dois SNs; sendo SN1 Sujeito e SN2 Objeto. Esta explicação parece pouco, tendo em vista a estrutura conceitual que temos do mundo. O falante percebe que SN1 faz algo sobre SN2, que recebe esta ação provinda do SN1. No entanto, o conhecimento que temos sobre a palavra *gato*

(animal, mamífero, felino, quadrúpede, etc) não é suficiente para nos trazer a noção de que ele age sobre o menino. O mesmo se diga do elemento *o menino*, cujo significado é insuficiente para nos levar a entendê-lo como receptor da ação de *o gato*. Como, então, essas informações são processadas pelo receptor?

Se tomarmos o sintagma *o menino*, fora de contexto, podemos atribuir alguns significados a ele. *O menino* pode ser entendido como criança, mamífero, pequeno homem, etc. Para entendê-lo como paciente de um processo, temos de:

1° determinar sua função sintática dentro de um contexto lingüístico (uma oração);

2° relacionar esta função com a valência do verbo.

O verbo é o elemento responsável pela distribuição de papéis temáticos numa construção. Assim, antes de eu pensar no possível papel temático de um sintagma como *o menino*, tenho de pensar no verbo que compõe o contexto em que esse sintagma aparece, como, por exemplo, o verbo *arranhar*.

O conhecimento que temos sobre o verbo *arranhar* e o sintagma *o menino* ainda é insuficiente para definir qual o sentido desse sintagma na sentença. Isso porque sabemos que o menino pode arranhar alguém ou ser arranhado por alguma coisa. Sendo assim, tomamos outro princípio necessário ao entendimento das funções semânticas de um elemento:

3° identificar a relação entre as funções sintáticas dos complementos de um verbo e a função semântica de cada um desses complementos.

Com a terceira tarefa realizada, podemos entender se *o menino* é receptor ou não de uma ação. Tomamos o verbo *arranhar* como selecionando dois complementos na sentença (o elemento que arranha e o elemento que é arranhado). Agora sim, por meio de nosso conhecimento sobre o verbo, podemos dizer qual o papel de cada um dos seus complementos:

| | | |
|--------------------------------|----------|--------------------------------------|
| O gato | arranhou | o menino. |
| Complemento 1: Sujeito | Verbo | Complemento 2: Objeto |
| Aquele que arranha (Agente) | | Aquele que é arranhado (Paciente) |

Como vemos, para definir o papel temático de um argumento, temos de nos valer da configuração sintática de uma sentença (funções sintáticas) e do conhecimento que temos sobre o verbo que distribui esses complementos (valência).

O papel temático pode ser definido como a relação semântica que existe entre o verbo de uma oração e cada um de seus complementos; no caso, Agente e Paciente do verbo *arranhar*.

Os primeiros estudos feitos sobre papéis temáticos são datados de 1965, com Gruber. Estudos posteriores, com Fillmore (1968) e Jackendoff (1972), apontam a necessidade de se estabelecer uma relação entre as funções sintáticas e as relações semânticas (às quais chamamos hoje de “papéis temáticos”). O grande problema, que persiste até a atualidade é: que relações são essas? Como identificá-las e como distingui-las?

Os problemas são lançados à medida que se percebe que as possibilidades de relações temáticas entre os elementos de uma sentença são inúmeras, o que dificulta, em muitos casos, identificar o papel temático de um sintagma qualquer.

Haegeman e Dowty para mostrar a imprecisão e a obscuridade na teoria dos papéis temáticos:

a teoria dos papéis temáticos é ainda muito imprecisa. Por exemplo, no atual estágio da teoria não há consenso sobre quantos papéis temáticos específicos existem e quais são seus rótulos.

(Haegeman, 1991: 41)

*Não há talvez nenhum conceito na teoria sintática e semântica moderna que seja tão freqüentemente envolvido em uma ampla variedade de contextos, mas sobre o qual haja tão pouco consenso sobre sua natureza e definição quanto o **papel temático**.*

(Dowty, 1991: 547)

O objetivo dos Papéis Temáticos é explicitar parte da estrutura semântica das sentenças: relação entre o predicado (expresso, nas construções em estudo, pelo verbo) e seus argumentos (expressos pelos complementos).

Para exemplificar estes objetivos, partimos de um exemplo bastante corriqueiro, como construções de SN + V, tradicionalmente definido como de “sujeito – verbo”:

[179] O gato fugiu.

em que a relação temática existente entre SN – V é a de Agente, portanto dizemos que o *gato* recebe este papel temático;

[180] O gato morreu.

em que a relação temática existente entre SN – V não é a de Agente, uma vez que o *gato* sofre um processo e, por este motivo, recebe o papel temático de Paciente.

Com estes exemplos, constatamos que os papéis temáticos são fundamentais para o estudo das diáteses. Construções sintaticamente idênticas podem ter estrutura temática diferente o que, por conseguinte, caracteriza diáteses diferentes.

Ou seja, se não levarmos em conta os papéis temáticos na definição das diáteses, as duas frases acima serão realizações da mesma diátese, pois sua estrutura sintática é a mesma (é isso que faz Allerton, 1983). Mas a diferença é importante, e certamente o usuário da língua precisa armazenar os dois verbos (*fugir, morrer*) como tendo propriedades gramaticais distintas.

Muitos são os problemas que envolvem a questão dos Papéis Temáticos. O principal deles gira em torno da seguinte questão: quantos são e como definir cada um deles? Não temos, na literatura lingüística, resposta a estas perguntas.

Há uma grande divergência nas definições dos papéis temáticos na lingüística. Um exemplo seria a definição de Agente que, para Fillmore (1968), é o papel desempenhado por um ser animado que é responsável, voluntária ou involuntariamente, pela ação ou desencadeamento de um processo. Para Halliday (1967), o Agente é entendido como o elemento capaz de controlar uma ação. Para Chafe (1970), é algo capaz de realizar uma ação, o que inclui seres animados, inanimados e elementos da natureza. Sendo assim, em uma frase como:

[181] O vento bateu a porta.

O *vento* seria o agente para Halliday e para Chafe, mas não seria para Fillmore. É necessário estabelecer critérios para a definição de um papel temático pois, caso contrário, corremos o risco de termos uma lista enorme de papéis temáticos.

É o que tenta fazer Cançado (2005), ao apresentar uma lista de papéis temáticos, o que, por si só, já mostra que as listas anteriores são incompletas. A autora caracteriza sua lista como *mais geral e abrangente* e nos traz uma lista com onze papéis temáticos. Desta forma, já vai de encontro aos estudos de Perini (m.s) que nos indica vinte papéis temáticos.

A lista de Cançado é a seguinte²¹:

a) *Agente: o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle.*

[182] **João** quebrou o vaso com o martelo.

[183] **Maria** correu.

b) *Instrumento: o meio pelo qual a ação é desencadeada*

[184] João colou o vaso **com cola**.

[185] Carlos abriu a garrafa **com o dente**.

c) *Paciente: a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado.*

²¹ Os papéis temáticos apontados são marcados em negrito nos exemplos. Discutimos aqui apenas os papéis temáticos encontrados na classe que estudamos.

[186] João quebrou **o vaso**.

[187] O acidente machucou **Maria**.

d) Tema: a entidade deslocada por uma ação

[188] João jogou **a bola** para Maria.

[189] **A bola** atingiu o alvo.

e) Alvo²²: a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico

[190] Sara jogou a bola **para o policial**.

[191] João contou piadas **para seus amigos**.

f) Fonte: a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico.

[192] João voltou **de Paris**.

[193] João tirou aquela idéia **do artigo de Chomsky**.

(Cançado, 2005: 113s)

Um problema com a lista de Cançado está na definição de *Objetivo*. Se assumirmos a sua posição de que *Objetivo* é a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou seja afetada por algo, estaremos assumindo dois *Objetivos* para a sentença abaixo:

[194] João é o chefe da quadrilha.

Neste exemplo, fazemos referência sem que esta referência desencadeie algo tanto a *João* quanto a *o chefe da quadrilha*. Logo, a definição de *Objetivo* de Cançado é, no mínimo, duvidosa.

No nosso trabalho, não vamos nos valer da lista de Cançado. Seleccionamos a nossa lista de papéis temáticos (que deve também apresentar suas deficiências) com o propósito específico de descrever as valências.

As construções que analisamos neste estudo são um meio de descrever parcialmente a estrutura da língua. Lembramos que nem toda construção é uma

²² Cançado chama de Alvo o que nós chamamos de Meta, tradução de goal.

diátese, como o caso das negativas e das topicalizadas, que não contribuem para a subclassificação dos verbos.

Neste trabalho, como já foi dito, usamos a lista de Perini (ms.) com as possíveis diáteses em língua portuguesa como componente necessário da definição das valências. Perini define as construções desta lista em termos de classes + funções sintáticas + papéis temáticos. A lista nos diz coisas como:

→ a ordem dos elementos na oração: podemos ter **SN “agente” + verbo + SN “paciente”** (a menina comeu os bombons), ou então **SN “paciente” + SN “agente” + verbo** (os bombons, a menina comeu) mas não * **SN “agente” + SN “paciente” + verbo** (* a menina os bombons comeu);

→ o SN pós-verbal (objeto direto) pode ter o papel de “paciente” (a menina comeu os bombons), de “meta” (o alpinista atingiu o pico), de Possuído (a menina tem um cachorrinho), mas nunca de Agente;

→ o Agente pode ser expresso por um SN sujeito (a menina comeu os bombons) ou por um SN precedido de de (a menina apanhou da mãe);

→ o primeiro caso (Agente sujeito) é muito mais freqüente (ocorre com um número muito maior de verbos) do que o segundo (Agente regido por de);

Ou seja, a lista nos fornece uma grande fatia da estrutura da língua – em especial no que diz respeito às estruturas sintáticas e às relações simbólicas. Aprender uma língua é, em grande parte, aprender suas construções.

(Perini, ms.)

Retomamos os seis papéis temáticos recorrentes nos verbos de vitória e derrota. Muitos deles possuem traços em comum com as definições de Cançado (2005). Outros não são citados pela autora. Por este motivo, definimos aqui estes papéis temáticos tais como foram concebidos para a formulação da lista de Perini²³:

a) Agente: Elemento que causa o evento, com ou sem controle voluntário:

[195] *Frederico* cortou a grama.

[196] O *vento* bateu a janela.

b) Paciente: Elemento que sofre o efeito de um evento, mudando de estado:

²³ O papel temático em questão está marcado na palavra em itálico.

[197] *Maria* engordou dez quilos.

[198] *Maria* engordou *os porquinhos*.

c) Instrumento: Aquilo que se utiliza para praticar uma ação:

[199] João abriu a caixa *com o serrote*.

[200] O *pé-de-cabra* abriu a caixa.

d) Tema: Elemento que sofre um deslocamento por meio de uma ação ou evento:

[201] O zagueiro chutou *a bola* para o meio de campo.

[202] O *álcool* evaporou do vidro.

e) Meta: Ponto para o qual algo se move:

[203] Fábio mudou *para Manaus*.

[204] Os acidentes atingiram *novo recorde*.

f) Fonte: Ponto a partir do qual algo se move:

[205] *Maria* comprou um carro *de João* por cinco mil.

[206] Felipe tirou uma meleca *do nariz*.

Cabe ressaltar que para Perini um mesmo argumento pode ter mais de um papel temático sem maiores complicações. O exemplo [210], retomado abaixo é prova disto:

[207] O zagueiro chutou *a bola* para o meio de campo.

Neste caso, o argumento *a bola* é entendido como Tema, por sofrer deslocamento; mas também é Paciente, por sofrer uma ação. Não podemos, portanto, afirmar que para cada argumento haverá somente um papel temático. Alguns argumentos têm a potencialidade de apresentarem mais de um papel temático.

4.5. Lista das construções relevantes para a descrição dos verbos de vitória e derrota

Apresentamos aqui a lista das doze diáteses que valem para os verbos de vitória e derrota. Esta lista foi extraída de Perini (m.s). Das mais de 70 diáteses coligidas por Perini (ms), apenas as da lista abaixo comportam verbos da classe de vitória e derrota. Fizemos questão de manter a numeração original das construções afim de igualar as linguagens e facilitar o manuseio com as diáteses.

Essas são as construções em que ocorrem os verbos de vitória e derrota. Mas note-se que em muitas delas esses verbos ocorrem sem sua acepção definitiva de vitória e derrota, ou seja, sem que os três traços semânticos se realizem. Assim, *ganhar* é um verbo de vitória e derrota porque na construção de Vitória aparece com os três traços (o Vasco ganhou do Flamengo); mas na construção Transitiva ganhar ocorre sem esses traços (a menina ganhou uma bicicleta).

4.5.1. C1. Transitiva

A diátese transitiva se constitui pela presença de dois papéis temáticos: o Agente e o Paciente, associados a duas funções sintáticas, X e SN pós-verbal. Com esta diátese, sempre haverá a mudança de estado do Paciente. Assim, no exemplo

[208] Zezé comeu a pizza

Cuja análise é :

| | | |
|----|---|-----|
| X | V | SN |
| Ag | | Pac |

Teremos a mudança de estado do Paciente (a pizza não estava comida, agora está).

4.5.2. C20. de Movimento e choque

Esta diátese é constituída pela presença de dois papéis temáticos: o Agente, realizado sintaticamente por X e a Meta, realizada por *com* + SN. Existe uma forma homônima a esta diátese, que será explicitada adiante. A diferença essencial entre esta diátese e sua homônima é que nesta existe a ação intencional do sujeito, como no exemplo:

[209] Amélia trombou com Vânia (propositalmente).

Cuja análise é:

| | | |
|----|---|---------------|
| X | V | <i>com</i> SN |
| Ag | | Meta |

Podemos dizer que *Amélia* teve controle sobre a ação, trombando com *Vânia* porque quis.

4.5.3. C19. Recíproca de SPrep

A noção de reciprocidade é a base constituinte desta diátese. Temos dois argumentos e estes podem receber os mesmos papéis temáticos de Tema e Meta, sendo um deles realizado sintaticamente por X e o outro por *com* + SN, como nos exemplos:

[210] Amélia trombou com Vânia.

[211] O asteróide chocou com Júpiter.

Cuja análise é:

| | | |
|------|---|---------------|
| X | V | <i>com</i> SN |
| Tema | | Meta |
| Meta | | Tema |

Nestes exemplos, tanto *Amélia* trombou com *Vânia*, quanto *Vânia* trombou com *Amélia*, (o mesmo se diga para o exemplo [221], com *asteróide* e *Júpiter*), não havendo intencionalidade sobre a ação.

4.5.4. C4. Ergativa

Esta diátese é marcada pela presença de apenas um argumento, o Paciente, recaindo sobre o sujeito X, como observamos no exemplo

[212] Zezé engordou.

Cuja análise é:

| | |
|-----|---|
| X | V |
| Pac | |

Nesta diátese, não fica explícito o Agente do processo.

4.5.5. C58: de Vitória

Esta diátese ocorre exclusivamente com o verbo *ganhar*. Possui a mesma definição da C51 – Agente e Obejto Direto, mas com um diferenciador: na C58, existem os traços definitórios da classe Vitória e Derrota, o que não acontece com a C58, cujas explicações estarão no capítulo 4. O exemplo mostra a constituição da C57, formada pela função sintática X com papel de Agente e *de* + SN:

[213] O Vasco ganhou do Botafogo.

Análise:

| | | |
|----|---|--------------|
| X | V | <i>de</i> SN |
| Ag | | Pac |

Definimos esta diátese nestes termos por haver o Conflito Direto entre os argumentos (o *Vasco* enfrentou o *Botafogo*), a Simetricidade (o *Botafogo* poderia ter vencido o *Vasco*) e o Resultado do Conflito (o *Vasco* foi vitorioso no conflito).

4.5.6. C16. de Tema e Meta

Esta diátese é composta pela função sintática X e um sintagma preposicionado, com os papéis temáticos de Tema e Meta, respectivamente. O Tema pode assumir o

papel de Agente e a Meta pode ser expressa por uma preposição seguida de um elemento adverbial, como nos exemplos:

[214] O menino entrou no carro

[215] Ricardo voltou para BH

[216] Ênio foi para a Itália.

[217] O cachorro correu para o quintal.

[218] Sara foi na casa do namorado.

A análise desta diátese é:

| | | |
|------|---|---------|
| X | V | Prep SN |
| Tema | | Meta |

Em alguns casos, a preposição não aparece na diátese, mas o papel temático permanece, como em:

[219] O rato entrou lá.

O uso metafórico desta diátese também é possível, como nos casos:

[220] Essa estrada vai até Salvador

[221] Mário chegou aos 60 anos.

nos quais não temos o movimento físico.

4.5.7. C32. de Objeto transferido

Esta diátese é formada por dois argumentos, sendo X a Meta e o SN Tema. Entendemos este processo como se ao sujeito fosse transferido algo, como no exemplo que segue:

[222] Yeda pegou sarna.

A análise desta diátese é:

| | | |
|------|---|------|
| X | V | SN |
| Meta | | Tema |

Entendemos que *Yeda* não tinha *sarna*, mas que *sarna* foi transferida para ela.

4.5.8. C59: de Sujeito Agente-Meta

Esta diátese é definida por X Agente, como no caso:

[223] O policial aceitou o dinheiro.

Sua análise é:

| | | |
|------|---|------|
| X | V | SN |
| Meta | | Tema |
| Ag | | |

Nesta diátese, o X tanto é Meta quanto Agente. Existe a ação desencadeada propositalmente pelo sujeito.

4.5.9. C3. Transitiva de objeto elíptico

A diátese Transitiva de objeto elíptico é formada a partir de X Agente e da supressão de um SN (tradicionalmente classificado como Objeto Direto). O sentido do Objeto, no entanto, é facilmente recuperado pelo contexto, como nos exemplos:

[224] Zezé comeu.

[225] Essa menina lê até de noite.

Sua análise é :

| | | |
|----|---|-----|
| X | V | Ø |
| Ag | | Pac |

Entendemos o Paciente nesses casos como aquilo que “se come” em [224] e como aquilo que “se lê” em [225].

4.5.10. C57. de Derrota

Esta diátese se forma pela presença de um Agente marcado por preposição + SN e X Paciente. Trata-se de uma diátese bastante restrita. Aparentemente ocorre com apenas dois verbos, como nos exemplos abaixo:

[226] O Botafogo apanhou do Vasco.

[227] O Botafogo perdeu do / para o Vasco.

Sua análise é:

X V *de* SN

Pac Ag

4.5.11. C68. de SPrep Fonte

Esta diátese é formada pela presença de X Meta e um SPrep Fonte, representada pelo exemplo:

[228] Maria ganhou na Telesena

Sua análise é:

X V SPrep

Meta Fonte

Nestes exemplos, não temos o objeto *ganhado* ou *recebido*, mas sim a Fonte de onde este suposto objeto.

4.5.12. C69. de Tema e SPrep Fonte

Esta diátese é bastante parecida com a C69. Nesta, no entanto, aparece a Fonte, como no exemplo:

[229] Maria ganhou um lápis de João.

Sua análise é:

| | | | |
|------|---|------|-------|
| X | V | SN | SPrep |
| Meta | | Tema | Fonte |

4.6. Lista completa dos verbos de vitória e derrota

A seguir, apresentamos a lista dos verbos de vitória e derrota e suas respectivas valências. Fizemos um levantamento de exemplos de construções (diáteses) desses verbos e um breve comentário sobre cada uma dessas construções.

Alguns pontos devem ser salientados:

i. Alguns constituintes não configuram na definição das diáteses, assim, por exemplo,

[230] Maria ganhou um bracelete do namorado

e

[231] A faxineira limpou as teias de aranha do teto

Temos, no primeiro caso, o sujeito que não é Agente. A partir deste princípio, o SPrep *do namorado* seria um elemento capaz de caracterizar o verbo. No exemplo [231], temos sujeito Agente e o constituinte *do teto* como elemento dispensável na caracterização do verbo.

Uma questão que se levanta é a seguinte: se contrastarmos a sentença [230] com a sentença

[231] Maria ganhou um bracelete

Perceberemos que estamos diante de duas construções distintas, sendo que em uma [230] há a presença de Fonte, ao passo que a segunda não há este papel temático. Questionamos então se há algum outro verbo na língua que se comporte

como *ganhar*, mas não pode ter complemento Fonte, ou então que exija o complemento Fonte?

Estamos diante de um assunto bastante nebuloso, pois não existem, na literatura, definições satisfatórias para Complementos e Adjuntos, portanto, não sabemos como delimitar a importância dos constituintes citados em cada exemplo na configuração dos verbos. Não é o objetivo deste trabalho discutir a diferenciação entre Adjuntos e Complementos. O que discutimos aqui necessita de maiores reflexões e é apenas fruto de nossas especulações acerca dos fatos desta natureza. Por esta razão, nos eximimos de maiores explicações sobre o assunto. Limitamo-nos a citar a opinião de Perini (ms), que propõe o seguinte:

*inclui-se nas diáteses os constituintes da oração cuja forma e/ou papel temático não seja previsível a priori, ou seja, mesmo fora de contexto. Assim, em António beliscou Bruno ontem de noite temos que incluir António e Bruno (ou melhor, os SNs que eles realizam) na diátese porque seus papéis temáticos não são previsíveis a não ser que se conheça sua função e o verbo da oração. Assim, dizemos que **António (e qualquer SN) na função de sujeito ("X") com o verbo beliscar tem o papel de Agente**. Se mudar a função ou se mudar o verbo o papel temático pode mudar. Daí, esse SN sujeito tem que aparecer na diátese. Mas ontem de noite significa "tempo" **independentemente de função e verbo**. Por isso, não aparece na diátese, pois o que nos interessa já é previsto.*

(Perini, ms.)

ii. muitas construções foram desprezadas, por serem expressões idiomáticas.

As expressões idiomáticas são formadas por uma estrutura frásica que apresenta algumas restrições lexicais e sintáticas. Contêm combinações que não são distribucionalmente produtivas, havendo uma tendência a interpretação não composicional, por essa razão possuem sentido metafórico.

(Raposo, 2006: 24)

Ao nos afirmar que as expressões idiomáticas possuem restrições lexicais e sintáticas, Raposo confirma o argumento de que, nas expressões idiomáticas, o verbo é insubstituível, como nos casos:

a) Sem expressão idiomática, verbo substituível:

[232] João bateu em Antônio.

[233] João surrou Antônio.

b) Com expressão idiomática, verbo insubstituível:

[234] Maria bateu pernas o dia inteiro.

*[235] Maria surrou pernas o dia inteiro.

O verbo *bater* é um dos verbos estudados neste trabalho e é um dos que apresenta vários exemplos com expressões idiomáticas (que não serão discutidas aqui pelos motivos superpostos). A título de exemplificação, temos os exemplos de expressões idiomáticas com o verbo *bater*:

[236] Nós **batemos** papo.

[237] Nós **batemos** canela.

[238] Todos **bateram** perna.

[239] O assaltante **bateu** em retirada.

[240] Maria **bateu** boca com a vizinha.

Como estudar a valência de um verbo significa estudar as possibilidades de subclassificação deste verbo e como as expressões idiomáticas não subclassificam verbos, as mesmas serão desconsideradas neste estudo.

iii. as diáteses são definidas de acordo com as diretrizes propostas por Perini (ms.). Os estudos anteriores sobre diáteses deixam de lado muitos aspectos da realidade lingüística, dado desprezarem a semântica, como em Allerton (1983) em

cujo sistema temos valências idênticas para verbos de classes semânticas distintas. Como já discutido, para esse autor, construções como

[241] Maria comeu

é, para efeito de diáteses, a mesma que

[242] Maria engordou

uma vez que esses verbos podem aparecer com um ou dois argumentos

[243] Maria comeu feijoada

e

[244] Maria engordou dez quilos

Obviamente estamos diante de construções bastante diferentes, a julgar pela relação semântica existente entre os complementos e os verbos. *Maria comer* apresenta características completamente diferentes de *Maria engordar*, e daí podermos fazer uma série de observações... *Maria comeu* implica haver algo que seja comível e na qual recai a ação de comer, fato não observado em engordar. Se *Maria engordou*, não o foi em algo “engordável”. Este processo de engordar recai sobre a própria Maria, e esta é uma distinção bastante clara para os falantes de uma língua. Perini (m.s.), portanto, se vale de dois aspectos para a formulação de sua lista de diáteses: a configuração sintática e aspectos da configuração semântica das construções (em particular, os papéis temáticos). Essa lista será usada neste trabalho e é explicitada adiante.

Como já dito anteriormente, os verbos foram retirados do *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, de Borba (1990). Para a seleção desses verbos, nos valemos primeiramente de nossa intuição, estabelecida por meio do seguinte critério: o verbo em questão pode ocorrer com os três elementos necessários à definição semântica de vitória e derrota (simetridade, confronto direto e resultado do conflito)? Se sim, o verbo passou a se enquadrar no nosso *corpus*. Feito o levantamento no léxico, localizamos no total nove verbos que

respondem a essa definição: *apanhar, bater, derrotar, desbancar, empatar, ganhar, perder, sobrepujar e vencer*. A partir da delimitação do *corpus*, coletamos, nas mais diversas fontes (jornais, internet, nossa própria memória e intuição), frases que apresentavam esses verbos para, enfim, fazermos a análise descritiva dessas construções que apresentamos em seguida. Na nossa esquematização dos exemplos, apresentamos a seguinte estrutura: na primeira linha da tabela, o exemplo; na segunda linha, a configuração sintática do exemplo e, finalmente, na terceira linha, os papéis temáticos dos argumentos.

4.6.1. Valência do verbo *apanhar*

Diátese de Objeto Transferido (C32)

[245] Maria apanhou um resfriado

| | | |
|-------|---------|--------------|
| MARIA | APANHOU | UM RESFRIADO |
| X | V | SN |
| Meta | - | Tema |

Nesta diátese não temos a acepção de vitória e derrota. Nenhum dos traços definitórios se faz presente.

Diátese de Derrota (C57)

[246] Maria apanhou do marido

| | | |
|----------|---------|-----------|
| MARIA | APANHOU | DO MARIDO |
| X | V | deSN |
| Paciente | - | Agente |

A diátese de Derrota foi definida no desenvolver desta pesquisa e apresenta os três traços necessários aos verbos de vitória e derrota. A simetridade existe, como no exemplo [246] haja vista *o marido poder apanhar da mulher*; o resultado do conflito

também se faz presente, por notarmos que *o marido* saiu em vantagem no conflito; e ainda o confronto direto, pois houve a participação dos dois argumentos no conflito desencadeado pelo verbo em questão.

O argumento X é Paciente neste processo, e o *deSN* desempenha o papel de Agente.

Diátese Transitiva (C1)

[247] A raposa apanhou as uvas

| | | |
|----------|---------|----------|
| A RAPOSA | APANHOU | AS UVAS |
| X | V | SN |
| Agente | - | Paciente |

Esta é uma das diáteses mais recorrentes na língua portuguesa e se caracteriza pelo X Agente e SN Paciente. No caso do verbo *apanhar*, não se constitui uma diátese pertencente à classe de vitória e derrota e não apresenta nenhum dos três traços necessários à caracterização da classe. Nesta diátese, o verbo *apanhar* assume o significado de *colher, recolher, pegar*.

Diátese Ergativa (C4)

[248] O Galo apanhou

| | | |
|----------|---------|---|
| O GALO | APANHOU | - |
| X | V | |
| Paciente | - | |

Esta diátese se constitui pela presença de um argumento X com Papel Temático de Paciente. Nesta diátese, o verbo *apanhar* apresenta apenas um dos traços definitórios da classe de vitória e derrota: o resultado do conflito. O argumento X Paciente é o elemento que sai como “derrotado” no conflito.

Em contextos anafóricos podemos entender a existência de dois elementos presentes no conflito (simetricidade) e, por conseguinte, o confronto direto. No entanto, estes elementos anafóricos não interessam no estudo das diáteses.

4.6.2. Valência do verbo *bater*

Diátese de movimento e choque (C20)

[249] Renato bateu em Rodrigo.

| | | |
|--------|-------|-----------------------------|
| RENATO | BATEU | EM RODRIGO |
| X | verbo | Prep + SN |
| Agente | - | Paciente/Meta ²⁴ |

Diátese Recíproca de Sintagma Preposicionado (C19)

| | | |
|--------|-------|---------------|
| RENATO | BATEU | EM RODRIGO |
| X | verbo | Prep + SN |
| Tema | - | Paciente/Meta |

Estamos diante de uma construção ambígua. Podemos entendê-la em C20 como se *Renato* tivesse espancado *Rodrigo* e, daí, ser o verbo pertencente à classe semântica de vitória e derrota. Neste sentido, temos o sujeito Agente dotado de intencionalidade. Passa, portando, pelo controle do sujeito, a vontade de executar a ação de *bater*. O outro sentido possível em C19, é entender a frase como se *Renato*, acidentalmente, tivesse se chocado com *Rodrigo*, sem a intenção de fazer tal ato. Nesta acepção, o sujeito não tem vontade própria nem controle sobre a ação, destituindo-se do papel temático de Agente, assumindo o papel temático de Tema.

²⁴ É possível haver a atribuição de diferentes papéis temáticos cumulativamente para o mesmo complemento. Note que no exemplo em questão temos a mudança de estado do argumento (o que o caracteriza como paciente) como também temos o alvo para onde se dirige a ação do verbo (o que o caracteriza como meta).

Denominamos a primeira diátese como “de movimento e choque”. Existe, nesse caso, uma ação proposital do Agente sobre o sujeito, gerando um contato entre este e o Paciente. É possível uma construção homônima a essa a partir da qual compreendemos a não-intencionalidade do sujeito, algo semelhante a

[250] Acidentalmente, Renato bateu em Rodrigo, (C19)

contrapondo-se a

[251] Intencionalmente, Renato bateu em Rodrigo (C20)

A segunda diátese, denominada “recíproca de SPrep” se caracteriza pela não intencionalidade do SN em agir sobre o SPrep. Neste caso, não se evidencia o papel temático de Paciente ao SPrep, nem tampouco se configura as três instâncias formadoras do universo semântico de vitória e derrota. Assim, podemos concluir que na construção de movimento e choque há a ocorrência de vitória e derrota, fato não observado na de recíproca de sintagma preposicionado.

Diátese Transitiva (C1)

[252] Eu bati o carro.

[253] Eu bati os ovos.

[254] Xuxa bateu o recorde.

[255] Pedro bateu uma foto.

| | | |
|--------|-------|-----------|
| EU | BATI | O CARRO |
| EU | BATI | OS OVOS |
| XUXA | BATEU | O RECORDE |
| PEDRO | BATEU | UMA FOTO |
| X | verbo | SN |
| Agente | - | Paciente |

Estes quatro exemplos constituem uma única construção, a transitiva, que se caracteriza pela presença de um X Agente²⁵ que modifica o estado de um SN²⁶. O sentido dos verbos nesses exemplos, no entanto, é bastante distinto: *bater os ovos* implica pelo menos em esforço braçal e intenção desse Agente, coisa que não acontece, por exemplo, em *bater o carro*. A princípio, não se espera que uma pessoa bata o carro propositalmente, e ninguém dirige com o propósito de bater o carro e, por conseguinte, mudar o seu estado. O emprego do verbo bater ocorre de maneira completamente diferente nos dois outros exemplos: *Bater o recorde* significa que anteriormente já havia um recorde, que foi ultrapassado e, *Bater uma foto* significa que não havia foto antes (pelo menos daquele objeto em questão) e esta passou a existir. Nesses casos, a relação existente entre os Agentes e os Pacientes também é bastante diferente. O esforço para se bater um recorde é maior (haja vista o nosso conhecimento de mundo e a relação entre bater recorde e esforço físico: nadar, correr, pedalar, por exemplo). A gramática não distingue estas finuras de significado entre os exemplos e, por este motivo, estamos diante da mesma construção em todos os casos.

As valências representam apenas uma parte do significado das construções:

[...] dar a valência de um verbo é expressar aspectos selecionados de seu comportamento sintático e semântico, não exprimir sua sintaxe e sua semântica na totalidade. No que diz respeito à semântica, as construções expressam a parte do significado vinculada à estrutura. Em outras palavras, uma diátese tem um significado próprio, independentemente dos itens léxicos que a preenchem eventualmente; e é esse significado estrutural que é expresso pela construção.

(Perini, ms.)

Diátese Ergativa (C4)

[256] O carro bateu.

| | | |
|----------|--------|---|
| O CARRO | BATEU. | - |
| X | verbo | - |
| Paciente | - | - |

²⁵ Lembramos que o agente, segundo nossa definição, não é necessariamente voluntário: *O vento abriu a janela.*

²⁶ A modificação do estado do SN às vezes é bastante sutil. Há modificação do SN2 em *Maria rasgou o papel*, bastante clara para o falante, e igualmente há modificação do SN2 em *Maria desprezou o amigo*, embora aqui, menos evidente.

Nesta construção, obviamente, a acepção de vitória e derrota do verbo não se realiza. Na diátese ergativa, não se evidencia nenhum dos três traços necessários para vitória e derrota. Não há, aqui, simetridade, confronto direto (até porque não existem dois elementos envolvidos no desencadeamento verbal) nem tampouco resultado do conflito – dado óbvio não haver conflito.

Diátese de Sujeito Agente-Meta (C59)

[257] Bati com a cara na porta.

[258] Bati com a porta na cara.

| | | |
|-------|-------------|-----------|
| BATI | COM A CARA | NA PORTA. |
| BATI | COM A PORTA | NA CARA. |
| Verbo | comSN | SPrep |
| - | Instrumento | Meta |

Esses exemplos se enquadram na diátese denominada *de Sujeito Agente-Meta* por apresentar argumentos dessa natureza temática. Há aquilo com que se bate e o local onde batemos aquilo.

Diátese de Tema e Meta (C16)

[259] Letícia bateu na sua casa.²⁷

| | | |
|----------------|-------|-------------|
| LETÍCIA | BATEU | NA SUA CASA |
| X ₁ | Verbo | SPrep |
| Tema | | Meta |

²⁷ Construção popular, que significa *Letícia foi até sua casa* ou *Letícia apareceu na sua casa*.

Esta construção se caracteriza pela presença de uma Meta expressa por meio de uma Prep seguida de um SN₂. O Tema pode ser também Agente, como no exemplo, em que entendemos que o SN₁ executou a ação de ir na sua casa.

4.6.3. Valência do verbo derrotar

Diátese Transitiva (C1)

[260] O Vasco derrotou o Flamengo.

| | | |
|---------|----------|------------|
| O VASCO | DERROTOU | O FLAMENGO |
| X | Verbo | SN |
| Agente | | Paciente |

A valência do verbo *derrotar* se compõe de uma única diátese, a saber, a transitiva. Nela, a acepção sempre será de vitória e derrota, o que limita sua significação a esta classe. Assim, podemos afirmar com categoria que o verbo *derrotar* é pobre no sentido de seu potencial de significação. Não encontramos sequer uma expressão idiomática com este verbo, o que mais uma vez ratifica a limitação semântica de *derrotar*.

4.6.4. Valência do verbo desbancar

Diátese Transitiva (C1)

[261] A Vila Isabel desbancou a mocidade.

| | | |
|---------------|-----------|-------------|
| A VILA ISABEL | DESBANCOU | A MOCIDADE. |
| X | Verbo | SN |
| Agente | | Paciente |

A valência do verbo *desbancar*, assim como a do verbo derrotar, se compõe de apenas uma diátese, a Transitiva. Nessa diátese, o verbo sempre tem a acepção de vitória e derrota.

4.6.5. Valência do verbo empatar

Diátese Recíproca de Sintagma Preposicionado (C19)

[262] O Cruzeiro empatou com o Atlético.

| | | |
|------------|---------|----------------|
| O CRUZEIRO | EMPATOU | COM O ATLÉTICO |
| X | Verbo | SPrep |
| Tema | | Meta |

Apesar de parecer não ser típico, exatamente pela distribuição dos papéis temáticos²⁸, o exemplo acima se enquadra na diátese *recíproca de SPrep*. A recíproca é bastante clara, uma vez que se o Cruzeiro empata com o Atlético, reciprocamente o Atlético empata com o Cruzeiro. Neste exemplo, existe a ocorrência de um verbo de vitória e derrota. Nessa construção, os três elementos que configuram esse universo semântico se fazem presente, fato não observado no exemplo seguinte:

Diátese Transitiva (C1)

[263] O barulho empatou minha foda.

²⁸ Por Meta, entendemos o ponto final de um processo, como em *Os alpinistas alcançaram o topo (da montanha)*, em que “o topo” é a meta alcançada. No exemplo em questão (12) é difícil entendermos “com o Atlético” como sendo o ponto final do processo desencadeado por “empatar”. No entanto, as semelhanças sintáticas com outras frases nessa diátese nos levam a afirmar estarmos diante de uma C19 (Conferir o exemplo 1 em C19: *Renato bateu em Rodrigo*).

| | | |
|-----------|---------|-------------|
| O BARULHO | EMPATOU | MINHA FODA. |
| X | Verbo | SN |
| Agente | | Paciente |

Esta diátese transitiva não caracteriza vitória e derrota, pois não encontramos os elementos necessários desses verbos. Embora haja dois elementos (SN) exigidos pelo verbo, não existe aí a noção de simetridade. *Minha foda* não pode empatar o *barulho*. Esta informação é retomada por meio de nosso conhecimento de mundo e é a partir dela que podemos afirmar que, em C1, o verbo empatar não se constitui como verbo de vitória e derrota.

Diátese Ergativa (C4)

[264] O jogo empatou.

| | | |
|----------|----------|---|
| O JOGO | EMPATOU. | - |
| X | Verbo | - |
| Paciente | | - |

Trata-se de um caso de diátese ergativa, uma vez que o SN não age sobre nenhum elemento do predicado. Neste caso de diátese ergativa – assim como na ocorrência ergativa do verbo bater – não há a presença de nenhum dos componentes necessários à constituição dos verbos de vitória e derrota, o que exclui a ergativa de empatar da classe de vitória e derrota.

4.6.6.. Valência do verbo ganhar

Diátese de Objeto Transferido (C32)

[265] Maria ganhou neném.

[266] Maria ganhou um sapato.

| | | |
|----------------|--------|-----------------|
| MARIA | GANHOU | NENÉM. |
| MARIA | GANHOU | UM SAPATO. |
| X ₁ | Verbo | SN ₂ |
| Meta | - | Tema |

Essa diátese se configura pela ausência de um elemento Fonte (que não entra na constituição da diátese pelo motivo exposto no início desse capítulo). A mesma recebe este nome porque o Tema passa de um lugar a outro (chamado de meta). Assim, o neném passa de dentro para fora, da não concepção para a concepção; assim como o sapato, que deixa de pertencer à loja ou ao João e cai no poder de Maria.

Diátese de SPrep Fonte (C 68)

[267] Maria ganhou na sena.

| | | |
|-------|--------|----------|
| MARIA | GANHOU | NA SENA. |
| X | Verbo | SPrep |
| Meta | - | Fonte |

O contexto é responsável pelo preenchimento semântico do objeto. Nesta construção, depreendemos o sentido de que *Maria ganhou dinheiro na sena*. Pelo nosso conhecimento de mundo, sabemos que as pessoas que jogam na sena só podem ganhar dinheiro. Não se constitui uma transitiva sem objeto, uma vez que o SN não é Agente, mas Meta daquilo que foi Tema (e que está implícito na sentença: dinheiro que veio da sena) e que parte de uma Fonte (SPrep)

Diátese de SPrep Tema Fonte (C69)

[268] Maria ganhou um relógio do namorado.

| | | | |
|-------|--------|------------|--------------|
| MARIA | GANHOU | UM RELÓGIO | DO NAMORADO. |
| X | Verbo | SN | SPrep |
| Meta | | Tema | Fonte |

Neste caso, temos marcado a presença do Tema. Esta é a diferença fundamental entre a C69 e a C68. Não temos, nesta diátese, a aceção de vitória e derrota.

Diátese de vitória (C58)

[269] O Vasco ganhou do Atlético.

| | | |
|---------|--------|--------------|
| O VASCO | GANHOU | DO ATLÉTICO. |
| X | Verbo | SPrep |
| Agente | - | Paciente |

Esta diátese se define pela possibilidade de recuperação de um objeto por meio de nosso conhecimento de mundo. Se soubermos o que é Vasco e o que é Atlético, facilmente entendemos o que foi que o Vasco ganhou: o jogo. Se contudo desconhecermos o referente externo dos argumentos como

[270] Mequinho ganhou de Kasparov.

nosso esforço mental para significarmos essa construção será maior. neste caso, basta introduzirmos o objeto que os problemas se amenizam:

[271] Mequinho ganhou o jogo (ou no jogo) de xadrez de Kasparov.

Com a eliminação do objeto “o jogo”, (na construção *O Vasco venceu o jogo do Atlético*) a diátese em questão vai se aproximar muito da Transitiva sem objeto, mas a distribuição dos Papéis Temáticos em seus sintagmas já delineiam as diferenças entre elas. Na diátese de vitória, temos expresso um Paciente, elemento afetado pela ação de um SN Agente, fato não observado na diátese transitiva sem objeto (como em *Maria comeu hoje*)

Diátese Transitiva de Objeto Elíptico (C2)

[272] O Atlético ganhou.

| | | |
|------------|--------|---|
| O ATLÉTICO | GANHOU | - |
| X | Verbo | - |
| Agente | - | - |

Nesse caso, estamos diante de uma diátese cujo objeto é eliminado e é esquemático devido ao nosso conhecimento de mundo. Ganhar implica em jogo, corrida, disputa, enfim, em algo que resulta de um conflito. O mesmo com o verbo comer (Maria comeu) será arroz, angu, bolinho de feijão, algo que é “comível”. Este exemplo não se configura como vitória e derrota, pois apenas entendemos que o Atlético foi vitorioso em um conflito direto devido ao nosso conhecimento de mundo. Se substituirmos o SN *O Atlético* por *Kasparov*, por exemplo, ficaremos com o sentido da construção comprometido por nosso (des)conhecimento sobre quem ou o que seja Kasparov.

4.6.7. Valência do verbo perder

Diátese de Derrota (C57)

[272] O Vasco perdeu do Flamengo.

[273] O Atlético perdeu.

| | | |
|----------|--------|--------------|
| O VASCO | PERDEU | DO FLAMENGO. |
| X | Verbo | SPrep |
| Paciente | - | Agente |

Esta diátese se configura pela presença de um SPrep pós-verbal caracterizado como Agente. A ação desse elemento recai sobre o SN Paciente que, sintaticamente, se configura como sujeito. Esta diátese contempla os três critérios estabelecidos para a classe de vitória e derrota. O SN Paciente sai como perdedor do conflito direto entre este e o SPrep, além da simetridade também se fazer presente tendo em vista a possibilidade de o Flamengo (Sprep) sair perdedor deste conflito.

Esta diátese pode ser caracterizada, ainda, com supressão de SN pós-verbal. Tal supressão se deve a aspectos pragmáticos. Como no exemplo 30, igualmente aqui temos o elemento afetado pelo conflito direto. Apesar de não vir expresso, o elemento vencedor deste conflito está presente na configuração semântica da sentença. Isto fica óbvio quando nos valemos novamente da pragmática a partir da qual podemos concluir que, se o Vasco perdeu, ele poderia ter ganhado e, obviamente, perdeu para algum outro time. Interessante notar que no exemplo subsequente (33) isso não ocorre. Construções que são idênticas pelo ponto de vista sintático apresentam enormes diferenças no campo das diáteses.

Diátese Ergativa (C4)

[274] O leite perdeu.²⁹

| | | |
|----------|---------|--|
| O LEITE | PERDEU. | |
| X | Verbo | |
| Paciente | - | |

Como nos casos já discutidos da Diátese Ergativa, temos, aqui, o sujeito com o papel temático de Paciente. Algo, que não sabemos exatamente o quê, age sobre o leite, fazendo-o com que se perca. Neste exemplo, não ocorre a classe *vitória e derrota*, dado não ter havido um confronto entre o leite e o “elemento desconhecido”,

²⁹ O verbo “perder”, nesta situação, é entendido como “estragar”. Isso, todavia, não se observa de maneira homogênea na língua portuguesa. Alguns dialetos – como o mineiro – aceitam essa construção.

nem tampouco o evidente resultado do conflito, característico dos verbos dessa natureza.

Diátese Transitiva (C 1)

[275] Joana perdeu a virgindade.

| | | |
|--------|--------|--------------|
| JOANA | PERDEU | A VIRGINDADE |
| X | Verbo | SN |
| Agente | - | Paciente |

Nesta construção, também não temos a configuração necessária para os verbos de vitória e derrota. Aqui, a diátese apresenta a relação Agente-Paciente em sua estrutura temática.

4.6.8. Valência do verbo sobrepujar

Diátese Transitiva (C 1)

[276] O Cruzeiro sobrepujou o Atlético no campo.

| | | |
|------------|------------|-------------|
| O CRUZEIRO | SOBREPUJOU | O ATLÉTICO. |
| X | Verbo | SN |
| Agente | - | Paciente |

O verbo sobrepujar só ocorreu na construção transitiva. Este verbo é exclusivamente empregado na classe de vitória e derrota.

4.6.9. Valência do verbo vencer

Diátese Transitiva (C 1)

[277] O Cruzeiro venceu o Paraná.

| | | |
|------------|--------|-----------|
| O CRUZEIRO | VENCEU | O PARANÁ. |
| X | Verbo | SN |
| Agente | - | Paciente |

O verbo vencer, quando empregado na diátese transitiva, será enquadrado na classe de vitória e derrota. Mesmo em casos menos óbvios, como *Maria venceu o câncer*, a relação se estabelece na medida em que entendemos que *Maria* travou uma batalha (ainda que metafórica) contra o *câncer* e, mais que isso, o *câncer* poderia ter derrotado *Maria*.

Diátese Ergativa (C 4)

[278] O leite venceu

| | | |
|----------|---------|---|
| O LEITE | VENCEU. | - |
| X | Verbo | - |
| Paciente | - | - |

Temos uma diátese ergativa, na qual se evidencia um X Paciente. Novamente aqui, não temos a ocorrência do verbo vencer na classe de vitória e derrota.

Como pudemos ver ao longo deste capítulo, existe uma variação muito grande entre as diáteses dos verbos, as acepções que os mesmos apresentam, bem como seu possível enquadre na classe estudada nessa dissertação. O quadro abaixo sintetiza essas relações.

Quadro 1: Diátesses e Valências dos Verbos de Vitória e Derrota

| Verbos | Diátesses/Valência | | | | | | | | | | | |
|------------|--------------------|----------------------------------|--------------|--------------------|------------------------|---------------------------|---------------------------|----------------|----------------|--------------------|--------------------|-------------------------|
| | C1 Transitiva | C2 Transitiva de objeto elíptico | C4. Ergativa | C16 de Tema e Meta | C19 Recíproca de SPrep | C20 de Movimento e choque | C32 de Objeto Transferido | C57 de Derrota | C58 de Vitória | C59 de Agente Meta | C68 de SPrep Fonte | C69 de SPrep Tema Fonte |
| Apanhar | + | | + | | | | + | + | | | | |
| Bater | + | | + | + | + | + | | | | + | | |
| Derrotar | + | | | | | | | | | | | |
| Desbancar | + | | | | | | | | | | | |
| Empatar | + | | + | | + | | | | | | | |
| Ganhar | | + | | | | | + | | + | | + | + |
| Perder | + | | + | | | | | + | | | | |
| Sobrepujar | + | | | | | | | | | | | |
| Vencer | + | | + | | | | | | | | | |

Transcrevemos e exemplificamos as diátesses abaixo para facilitar a consulta:

C1. Transitiva

[279] Zezé comeu a pizza

C2. Transitiva de objeto elíptico

[280] Zezé comeu.

C4. Ergativa

[281] Zezé engordou.

C16. de Tema e meta

[282] O menino entrou no carro.

C19. Recíproca de SPrep

[283] Amélia trombou com Vânia.

C20. de Movimento e choque

[284] Amélia trombou com Vânia (propositalmente).

C32. de Objeto transferido

[285] Yeda pegou sarna.

C57. de Derrota

[286] O Botafogo apanhou do Vasco.

C58: de Vitória

[287] O Vasco ganhou do Botafogo.

C59 de Agente Meta

[288] O policial aceitou o dinheiro.

C68 de SPrep Fonte

[289] Maria ganhou flores.

C69 de SPrep Tema Fonte

[290] João recebeu o presente de Carlos.

Há verbos que só apresentam a acepção de vitória e derrota. Estes verbos têm emprego bastante singular e, por este motivo, apresenta valência formada por pouquíssimas diáteses. Quanto mais polissêmico for um verbo, mais diáteses terá sua valência. A seguir, fazemos algumas considerações sobre os verbos estudados.

- i. O verbo *apanhar* apresenta um número relativamente pequeno de diáteses. Apenas quatro construções em sua valência. Será na C57 – de Vitória que a acepção de vitória e derrota se dará.
- ii. O verbo *bater* é o que apresenta valência com maior número de diáteses, algumas ocorrendo somente com ele, como o caso de C16, diátese de Tema e Meta; C20, diátese de Movimento e Choque e C59, diátese de SPrep Fonte. A acepção da classe estudada se dará na C20, diátese de Movimento e Choque.
- iii. Os verbos *derrotar*, *desbancar* e *sobrepujar* são prototípicos de vitória e derrota, pois só se realizam nesta acepção. Apresentam a diátese Transitiva – C1 como a única diátese em sua valência.
- iv. A valência do verbo *ganhar* possui algumas particularidades. Este é o único verbo que não ocorre em C1 e é o único que ocorre nas diáteses Transitiva de Objeto Elíptico – C2 e diátese de Objeto Transferido – C32. Duas diáteses ocorrem exclusivamente com o verbo *ganhar*: a C58, diátese de Vitória (com a acepção da classe estudada) e a C68, diátese de Sprep Fonte.
- v. Os verbos *empatar*, *perder* e *vencer* apresentam valências parecidas. Os três verbos têm em sua valência as diáteses C1 – Transitiva e C4 – Ergativa. O verbo *vencer* ocorre apenas nestas duas diáteses. O que diferencia a valência dos verbos *empatar* e *perder* é que este ocorre na C57 – de Derrota (diátese que ocorre exclusivamente com este verbo) e aquele ocorre na C19 – Recíproca de SPrep. As diáteses que se enquadram dentro da classe estudada são: *empatar* – C19 – Recíproca de SPrep; *perder* – C57 – de Derrota e *vencer* – C1 – Transitiva.

A seguir, apresentamos o quadro das diáteses com acepção de vitória e derrota, em cujos exemplos encontramos os três traços necessários: Confronto Direto, Resultado do Conflito e Simetridade:

Quadro 2: Diátesses de Vitória e Derrota

| Verbos | Diátesses/Valência | | | | | | | | | | | |
|------------|--------------------|----------------------------------|--------------|--------------------|------------------------|---------------------------|---------------------------|----------------|----------------|--------------------|--------------------|-------------------------|
| | C1 Transitiva | C2 Transitiva de objeto elíptico | C4. Ergativa | C16 de Tema e Meta | C19 Recíproca de SPrep | C20 de Movimento e choque | C32 de Objeto Transferido | C57 de Derrota | C58 de Vitória | C59 de Agente Meta | C68 de SPrep Fonte | C69 de SPrep Tema Fonte |
| Apanhar | | | | | | | | + | | | | |
| Bater | | | | | | + | | | | | | |
| Derrotar | + | | | | | | | | | | | |
| Desbancar | + | | | | | | | | | | | |
| Empatar | | | | | + | | | | | | | |
| Ganhar | | | | | | | | | + | | | |
| Perder | | | | | | | | + | | | | |
| Sobrepujar | + | | | | | | | | | | | |
| Vencer | + | | | | | | | | | | | |

Podemos chegar a algumas considerações com o quadro:

- i. A diátese transitiva – C1 é a construção predominante entre os verbos de vitória e derrota; apenas o verbo ganhar não ocorre nesta construção.
- ii. As diátesses exclusivas dos verbos ganhar e perder – C58 de vitória e C57 de derrota, respectivamente, são as que ocorrem na acepção de vitória e derrota;
- iii. A diátese C4 Ergativa não ocorre nunca com acepção de vitória e derrota. Mas essa correlação decorre

automaticamente do fato de que a ergativa só expressa um argumento – logo, não pode incluir os traços definitórios da acepção de vitória e derrota (que exigem a presença de dois argumentos).

- iv. A hipótese da correlação significado-valência proposta por Levin foi refutada. Embora haja a recorrência de C1 em quatro verbos estudados (derrotar, desbancar, sobrepujar e vencer), a diátese Transitiva é a mais recorrente em língua portuguesa. Muitos verbos admitem esta diátese o que, por conseguinte, não é algo próprio da classe em estudo. Além disto, há grandes discrepâncias entre as diáteses destes verbos, como a ocorrência de C20 – diátese de Movimento e Choque somente com o verbo *bater* (*Rodrigo bateu em Felipe*) e C19 – diátese Recíproca de SPrep somente com o verbo *empatar* (*O Fluminense empatou com o Madureira*), além das diáteses de Derrota – C57 e Vitória – C58 exclusivas dos verbos *perder* e *ganhar*.

5. PROBLEMAS DE ANÁLISE

Este capítulo visa apresentar alguns problemas com os quais nos deparamos no decorrer deste trabalho. Não foi nossa pretensão apresentar solução para eles, mas tão somente salientar que estudos desta natureza são bastante necessários, pois muito ainda há de ser feito para o estudo dos verbos, em especial ao estudo das valências.

Componentes formais das diáteses

Um problema com o qual nos deparamos está na diferenciação entre aquilo que é necessário à diátese (complemento) e aquilo que é dispensável à diátese (adjunto). Por ora, assumimos a posição de que quando o papel temático é condicionado ao contexto, teremos um complemento. Assim, numa sentença como

[291] Maria ganhou um bracelete *do namorado*

assumimos o Sprep *do namorado* como um complemento, uma vez que o papel temático de Fonte só é perceptível no contexto. O mesmo sintagma pode assumir papéis temáticos diferentes, como nos exemplos

[292] Maria gosta *do namorado*

(Causador de Experiência)

[293] O barbeiro cortou o cabelo *do namorado* de Maria.

(Possuidor)

Sendo assim, quando o papel temático for parcialmente previsível fora de um contexto, assumimos o sintagma como sendo um adjunto. Desta forma, *Belo Horizonte* será um Locativo³⁰, como nos exemplos:

[294] João mora *em Belo Horizonte*.

(Locativo)

[295] Frederico viajou *para Belo Horizonte*.

(Locativo/Meta)

Desta forma, temos que assumir que em sentenças como a [291], retomada abaixo

[296] Maria ganhou um bracelete do namorado

e

[297] Maria ganhou um bracelete

temos duas diáteses distintas; e em sentenças como

[298] Maria ganhou um bracelete

e

[299] Maria ganhou um bracelete em Belo Horizonte

temos a mesma diátese.

Esta posição resolve nosso problema a princípio. Não sabemos se é possível generalizar esta afirmação. Restam ainda, pois, estudos a serem feitos nesta área.

³⁰ Podendo apresentar outros papéis temáticos, como no exemplo [297]

6. CONCLUSÕES

Vejamos até que ponto os nossos resultados são relevantes para a testagem da hipótese de Levin:

Se o comportamento distintivo das classes de verbos em relação às alternâncias decorre de seu significado, qualquer classe de verbos cujos membros funcionam paralelamente quanto às alternâncias de diáteses deve ser uma classe semanticamente coerente: seus membros devem compartilhar pelo menos algum aspecto de seu significado.

(Levin, 1993:14)

Esta hipótese de Levin pode ser entendida de duas maneiras:

- i. os verbos que podem ocorrer na classe de vitória e derrota (ou seja, “verbos de vitória e derrota”) têm valência semelhante.
- ii. os verbos de vitória e derrota, quando ocorrem na acepção de vitória e derrota, correm nas mesmas diáteses.

Por meio das primeiras conclusões extraídas dos quadros e da análise da hipótese de Levin, podemos ainda dizer que:

→ As diáteses C57 de Derrota e C58 de vitória só tem acepção de vitória e derrota, como nos casos:

Com C57 de Derrota:

[300] João apanhou de José;

[301] O Vasco perdeu do Flamengo;

Com C58 de Vitória:

[302] O Cruzeiro ganhou do Galo.

→ As diáteses C1 Transitiva, C19 de Recíproca de SPrep e C20 de Movimento e Choque ocorrem na acepção de vitória e derrota, como nos casos:

Com C1 Transitiva:

[303] Jesus derrotou o diabo;

[304] O suplente desbancou o titular;

[305] O patrão sobrepujou o empregado;

[306] O Botafogo venceu o Madureira.

Com C19 Recíproca de SPrep:

[307] O time da casa empatou com o adversário.

Com C20 de Movimento e Choque:

[308] Maria bateu em Tereza.

→ As diáteses C2 Transitiva de Objeto Elíptico; C4 Ergativa; C16 de Tema e Meta; C32 de Objeto Transferido; C59 de Agente e Meta; C68 de Sprep Fonte e C69 de Sprep Tema Fonte nunca têm acepção de vitória e derrota, como nos exemplos:

Com C2 Transitiva de Objeto Elíptico:

[309] O Palmeiras ganhou.

Com C4 Ergativa:

[310] O menino apanhou;

[311] O carro bateu;

[312] O jogo empatou;

[313] O Criciúma perdeu;

[314] A conta de luz venceu.

C16 de Tema e Meta:

[315] Joaquim bateu na minha casa.

C32 de Objeto Transferido:

[316] Joaquim apanhou uma gripe.

[317] Ana ganhou uma boneca.

C59 de Agente e Meta:

[318] Maria bateu com a cara na porta.

C68 de Sprep Fonte

[319] Felisberto ganhou na loto.

C69 de Sprep Tema Fonte

[320] O leitor ganhou um livro da biblioteca.

Pelos nossos quadros, ainda podemos apontar os verbos *derrotar*, *desbancar* e *sobrepujar* como aqueles que têm apenas uma diátese – e a acepção é de vitória e derrota. O fato de essa diátese ser justamente a de vitória e derrota decorre da escolha feita entre os verbos: só os que têm acepção de vitória e derrota.

Não temos nenhuma homogeneidade semântica nas diáteses, ou seja: nenhuma das diáteses ocorre na acepção de vitória e derrota com todos os verbos desta diátese.

Não existe nenhuma diátese comum a todos os verbos de vitória e derrota. Esta observação milita contra a hipótese de Levin. Por outro lado, quase todos os verbos podem ocorrer na diátese C1 Transitiva, com exceção do verbo *ganhar*. Isso parece ser uma possível generalização. No entanto, é plausível que a diátese C1 Transitiva seja a mais comum entre os verbos da língua. Obviamente seria necessário um levantamento mais amplo para tirarmos conclusões mais precisas a este respeito.

Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos estudar a classe semântica dos de verbos que denotam vitória e derrota em português. Fizemos o levantamento de nove verbos, a partir dos quais observamos que, na acepção estudada, os mesmo apresentam em alguma de suas construções, três componentes indispensáveis: a simetricidade, o resultado do conflito e o confronto direto.

Discutimos a partir daí a noção de diátese e valência. Por meio desta discussão, alguns problemas foram sendo levantados, como a questão dos papéis temáticos e a diferenciação complemento *versus* adjunto.

Durante a discussão sobre valência e diátese, passamos pelos estudos tradicionais, comentando sobre a transitividade, regência e vozes verbais, indo desembocar em estudos lingüísticos que tratam da valência a partir de aspectos não considerados na gramática tradicional. Citamos os estudos pioneiros, com Tesnière (1953) e Allerton (1983). Mostramos os problemas das referidas teorias. Passamos pelos trabalhos de Vilela & Koch (2001), criticando as lacunas de seu estudo e finalmente Levin, (1993), trabalho do qual extraímos a hipótese geradora desta dissertação. Utilizamos ainda o trabalho de Perini (ms.) suporte teórico que supre as carências dos estudos

anteriores. Perini traz em suas considerações acerca das diáteses e da valência um fator até então desprezado pelos estudos pioneiros: a significação. Desprezar a significação das construções e considerar somente os aspectos formais não nos mostra diferenças bastante importantes sobre os verbos da língua (exemplo disto está na semelhança formal entre *A lata abriu* e *Maria correu*, casos discutidos no nosso texto).

A hipótese de Levin nos diz que as semelhanças de significação implicariam semelhanças de valência. Esta hipótese foi refutada, se tomarmos nossa classe semântica como base. No entanto, maiores investigações devem ser feitas em outras classes semânticas para um diagnóstico mais preciso. Verbos de sentido restrito ou exclusivamente pertencente a uma classe semântica têm semelhanças de valência, mas a medida em que o sentido de um verbo vai se tornando abrangente, caracterizando, com isto, valências diferentes. Um exemplo disto está com os verbos *perder* e *ganhar* que são pertencentes à classe de vitória e derrota, mas que não tem em comum uma diátese sequer.

O principal objetivo deste trabalho foi alcançado. Apresentamos a valência dos verbos de vitória e derrota da qual extraímos informações bastante úteis sobre a natureza das diáteses e deste grupo de verbos.

Foi um trabalho bastante árduo no sentido de haver pouquíssima literatura especializada neste assunto. Ao que tudo indica, muitos estudos desta natureza ainda precisam ser realizados para que possamos ter um retrato mais ou menos fidedigno aos usos dos verbos em português falado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLERTON, D. J. **Valency and the English verb**. London: Academic Press, 1983
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORBA, Francisco da Silva et al. **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- BORBA, Francisco S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996
- BOSQUE, Ignacio. **Lãs categorías gramaticales: relaciones y deferências**. Madrid: Síntesis, 1989.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CULICOVER, Peter W. e JACKENDOFF, Ray S. **Simpler syntax**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 46.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CHAFE, Wallace L. **Meaning and the structure of language**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- DOWTY, David. Thematic proto-roles and argument selection. In: **Language**, 67, 3, 1991.
- FILLMORE, Charles J. e KAY, Paul. **Construction grammar**. Inédito. Berkeley: University of Califórnia, 1993
- GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HALLIDAY, M.A.K. **Notes on transitivity and theme in English**, Part 2. *Journal of Linguistics*, 1967.

HAEGEMAN, Liliane. **Introduction to Government and Binding Theory**. Oxford: Blackwell, 1991.

JACKENDOFF, Ray S. **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1973.

JACKENDOFF, Ray. **Semantics and Cognition**. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, Ray. **Semantic structures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar - vol. II, Descriptive Application**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LEVIN, Beth. **English Verb Classes and Alternations – a Preliminary Investigation**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

PERINI, Mário A. **Sintaxe portuguesa: metodologia e funções**. São Paulo: Ática, 1989.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo, Ática, 1995.

PERINI, Mário A. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. ms. 2007.

RAPOSO, Kariny Cristina. **Estudo das expressões idiomáticas do português do Brasil: uma nova proposta de sistematização**. Belo Horizonte, dissertação de mestrado. PUC-Minas, 2007.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. 15ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

TESNIÈRE, Lucien. **Esquisse d'une syntaxe structurale**. Paris: Klincksieck, 1969.

TAYLOR, John R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Clarendon Press, 1989.

TAYLOR, John R. **Cognitive grammar**. Oxford University Press, 2003.

VILELA, Mário e KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.